

**LYS-SANDRA VITALE DE OLIVEIRA LIMA**

**O DISCURSO DA TERCEIRA IDADE FRENTE A INTERNET**

**UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ  
POUSO ALEGRE – MG  
2011**

**LYS-SANDRA VITALE DE OLIVEIRA LIMA**

**O DISCURSO DA TERCEIRA IDADE FRENTE A INTERNET**

Trabalho de conclusão do Mestrado em Linguagem e Sociedade apresentado ao Departamento de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Sapucaí como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.  
Orientadora: Profa. Dra. Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi

**UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ  
POUSO ALEGRE – MG  
2011**

**LYS-SANDRA VITALE DE OLIVEIRA LIMA**

**O DISCURSO DA TERCEIRA IDADE FRENTE A INTERNET**

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em \_\_\_\_\_ pela banca  
examinadora constituída pelos professores:

---

Profa. Dra. Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi  
Orientadora

---

Profa. Dra. Mirian dos Santos  
Examinadora

---

Profa. Dra. Cristiane Pereira Dias  
Examinadora

## **HOMENAGEM ESPECIAL**

Agradeço aos alunos que participaram desta pesquisa e também aos que não participaram, mas que através da convivência assídua contribuíram de alguma forma para o êxito deste projeto.

Desejo fazer uma homenagem póstuma aos alunos: Dr. Clemildes Santana, médico, que no auge dos seus 93 anos se interessou em aprender a linguagem da tecnologia com o entusiasmo e com a alma de adolescente. E à querida aluna, dona Aparecida Anderi, 82 anos, empresária, que queria aproveitar tudo que a tecnologia oferece, usava o computador para se distrair, para jogar na internet e para receber e passar e-mails. Um exemplo de mãe, avó e amiga. Saudades!

E uma homenagem particular ao aluno Dr. Gabriel Miranda, que com 86 anos, mostrou-se interessado em conhecer a linguagem do nosso tempo, a internet. Ele que ainda atua como docente na Faculdade de Medicina, um exemplo de otimismo.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao nosso Pai Supremo pela minha vida, aos professores por tantos ensinamentos.

O meu profundo agradecimento à professora doutora Eni Puccinelli Orlandi, por todo carinho e parceria e pelas valiosas contribuições e apoio durante este projeto.

À minha família, aos meus queridos filhos: Allyson, Wesley, Annelise, Thaise, Andressa e Willian, ao meu marido Alfran, pelo incentivo e companheirismo e à minha neta Maria Luisa pelo carinho e alegria.

Às funcionárias da biblioteca da Univás pela atenção e disponibilidade em buscar as obras literárias e à Ivanise pelo estímulo.

E a todas as pessoas que contribuíram de alguma forma para a concretização desta dissertação.

Dedico este trabalho aos meus queridos e saudosos pais,  
Renato e Ophelia.

## EPÍGRAFE

“As memórias não são ramos secos que servem para decorações, mas são ramos que reflorescem na primavera, destinados a germinar. Por isso fazer memória de pessoas ou eventos não é uma operação sem consistência, vazia de nostalgia ou de conservadorismo. Não devemos fazer da memória um monumento imóvel, nem fixá-la em um passado longínquo ou próximo que seja. Devemos acendê-lo no hoje”.

Angelo Casati. “Come Albero”- 2003

“As lembranças são como as sementes. Nós não as depositamos num banco de dados, mas num celeiro. Elas podem sempre e de novo germinar, em outras formas, mas sempre vitais”.

Tonino Guerra – 95 anos - 2009

LIMA, Lys-Sandra V. O. **O Discurso da Terceira Idade frente a Internet**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade do Vale do Sapucaí. 2010.

## **RESUMO**

Este projeto de pesquisa analisa o discurso produzido por um grupo de sujeitos da Terceira Idade, explicitando o que o uso do computador e o aprendizado da Internet representam para esses sujeitos e quais as dificuldades por eles apresentadas. Nesta pesquisa entrevistamos seis (06) sujeitos que nos permitiram através das respostas, verificar se houve ou não mudanças em suas práticas e em suas formas de existência. Considerando as posições discursivas presentes nas entrevistas que compõem o corpus analisado, nosso estudo analisou quais os benefícios ou conflitos que este conhecimento representou para os idosos, e qual a integração desses sujeitos na sociedade informatizada.

Palavras - chave: Tecnologia da Informação, Internet, Discurso, Terceira Idade, Análise de Discurso.

## **ABSTRACT**

This project of research analyses the discourse produced by a group of third-aged subjects to comprehend what the use of the computer and the learning of Internet represents for these subjects and which are the difficulties they have been facing. For this work, we interviewed six (06) subjects, and through their answers we could verify whether there were any changes in their practice and way of living or not. Considering the discursive positions present in the texts that compose the analyzed corpus, our study analyzed the benefits and conflicts the mentioned knowledge represented to those elderly, and not only this but also, the integration of these subjects in the technological society.

**Keywords:** Information Technology, Internet, Speech, Third Age, Analysis the discourse.

## SUMÁRIO

1	Introdução.....	10
2	A questão da velhice, a memória e o esquecimento.....	15
3	A imagem do idoso através da história.....	19
4	A vida e o envelhecimento.....	24
5	A memória na análise de discurso.....	27
6	Tecnologia da Informação.....	32
7	A reorganização do trabalho de leitura - As “coisas” a “saber”.....	36
8	Algumas Análises da pesquisa de campo.....	39
9	Conclusão.....	61
10	Bibliografia.....	65
11	Anexo I.....	68
12	Anexo II.....	88
13	Anexo III – Livro “Dias e Dias de uma Vida”.....	95

# 1 INTRODUÇÃO

O mundo tem passado por sucessivas e rápidas mudanças impulsionadas pelo desenvolvimento da tecnologia do conhecimento. Se observarmos a linguagem e suas relações percebemos que existem múltiplas linguagens que precisam ser aprendidas e incorporadas à vida do sujeito e que este tem que praticá-las da melhor maneira possível. Uma dessas linguagens é a midiática que, através da rede mundial de computadores, tem ocupado um lugar de destaque em todas as áreas do conhecimento de nossa sociedade, reestruturando a sua atuação e permitindo que os sujeitos criem novos espaços de organização de sentidos, instituindo um conjunto de saberes que faz (ou deve fazer) parte da vida desses sujeitos.

Por tudo isso, assistiu-se a um processo de interconexão das redes, havendo um crescimento exponencial dos usuários da comunicação informatizada. Baseando-se na articulação de milhares de centros informatizados no mundo, a internet tornou-se um grande símbolo do meio heterogêneo o qual chamamos de ciberespaço (LÉVY, 1996). O autor também afirma que o ciberespaço modificou a imagem do mundo, e uma nova realidade começa a ser tecida, formando um sujeito com um imaginário afetado por outra noção de tempo, de sujeito, de identidade. Com isso, houve uma mudança em relação à concepção de cultura, saber, ensino, ciência, história, sentido, gerando o que o autor denomina de “mutação antropológica”.

Dias (2004) discorre também sobre o ciberespaço, afirmando que o mundo se põe em contato com diferentes paradigmas em seu funcionamento discursivo e assim outras relações de sentidos são tecidas. Há um deslocamento da representação do mundo virtual e compreender este processo e como ele funciona discursivamente, levamos a compreender as mutações que invadem todos os campos das ciências sociais e humanas.

A aplicação dessa enorme massa de conhecimento provoca a evolução da tecnologia que traz efeitos importantes sobre a sociedade, inclusive, porque vivemos num mundo simbólico em que tudo significa. Sendo assim, os efeitos produzidos pelo desenvolvimento tecnológico, apesar de virtuais, têm a sua materialidade. “E nos faz pensar o conhecimento na sociedade e seus modos de circulação através das tecnologias de linguagem colocadas à disposição” (ORLANDI, 2001).

É na língua e pela linguagem que o sujeito se constitui como sujeito, diz Benveniste (1991).

Para a Análise de Discurso, a interpelação pela ideologia é fundamental para a constituição do indivíduo em sujeito, afetado pela linguagem.

Se observarmos a esteira das ciências e o desenvolvimento desses conhecimentos aplicados aos diversos setores, a área médica desenvolveu-se de tal forma que hoje permite uma sobrevivência considerável dos sujeitos melhor situados socialmente. Bobbio (1997) é um dos autores que sugere uma expectativa de vida que, segundo ele, chega em média até 80 anos, surgindo uma nova faixa etária, o que ele chama a quarta idade. Esta é uma realidade que não podemos ignorar, inclusive porque devemos nos lembrar que, atualmente no Brasil, a aposentadoria ocorre aos 60 anos para as mulheres e 65 anos para os homens. Entre a idade da aposentadoria e a expectativa de vida o sujeito terá ainda cerca de 20 anos de atividades numa sociedade cada vez mais informatizada e conectada à rede. Isto para os sujeitos que tiveram um trabalho e uma aposentadoria que lhes permita ter acesso a uma vida de qualidade. Sujeitos com capacidades tecnológicas desenvolvidas, mesmo aposentados são muitas vezes, inseridos novamente no mercado de trabalho que exige profissionais tecnologicamente preparados.

Nesta perspectiva podemos dizer que o idoso vive numa sociedade onde os filhos, os netos e organizações de todos os tipos utilizam frequentemente a internet.

Dado o imaginário e a ideologia capitalista atuais, o desconhecimento dessas tecnologias produz nesses sujeitos um efeito de exclusão, ou seja, o sentimento de não fazer parte dessa sociedade informatizada, de estar fora deste processo, transformando estes sujeitos, ou melhor, criando a categoria social de analfabetos digitais. O que lhes dificulta a vida seriamente.

Desta forma, este projeto se propõe fazer uma Análise de Discurso dos sujeitos da chamada Terceira Idade, “60 anos” que se interessam em conhecer as tecnologias de informação, assim como os recursos por elas disponibilizados.

A razão para desenvolver este projeto resultou de uma convivência que venho tendo com os chamados sujeitos da Terceira Idade, para os quais ministrei aulas de informática nos últimos nove anos.

Durante este tempo observamos que, progressivamente, idosos de uma classe social mais privilegiada, têm procurado ter contato com a tecnologia através de computadores conectados à Internet e o uso de serviços como o skype e Messenger.

A idéia comum que circula a esse respeito é que muitos desses sujeitos procuram aprender a usar o computador como uma forma de se atualizarem e sentirem mais integrados na linguagem que os seus filhos, netos e amigos usam. Sabe-se também que é uma forma de se sentirem mais valorizados diante da família, aumentando o que atualmente é muito referido: a autoestima. Desta forma vêm juntas: a valorização da tecnologia e também a valorização do sujeito, produzindo a autoestima.

Observaremos também, o que estes sujeitos sentem ao usarem as ferramentas do computador, a Internet e o manuseio dos periféricos como: mouse, teclado, monitor, impressora, LCD e os dispositivos de som e vídeo.

Portanto, será abordado nesta pesquisa o uso da Internet pelos sujeitos da Terceira Idade, verificando o que este conhecimento agregou de valor a suas vidas, observando principalmente o seu próprio olhar sobre si e ver o que isto pode ter como consequência afetar o olhar do outro, retornando para si, de forma diferente.

O objetivo geral desta pesquisa é, pois, saber como funciona o discurso dos sujeitos da Terceira Idade que procuram aprender a usar o computador e a Internet para desta forma, compreender os sentidos que aí estão investidos.

A pesquisa é qualitativa e quanto aos fins utilizamos a descrição, porque visamos descrever os sentidos que se produzem e expectativas dos sujeitos desta pesquisa.

Já, quanto à análise e aos meios, ela é bibliográfica e de campo - bibliográfica porque a fundamentação teórica metodológica do trabalho realizou uma investigação com seis (06) sujeitos da Terceira Idade sobre os seguintes assuntos: a influência da tecnologia na vida desses sujeitos e a integração desses sujeitos na sociedade informatizada. E de campo - porque coletou dados primários dos sujeitos da Terceira Idade, pois as questões em discussão, ao olhar do analista, poderão representar uma realidade até então desconhecida.

Empiricamente, tomamos como corpus de análise, materiais de linguagens orais e escritos, coletados através das respostas referentes ao questionário aplicado aos sujeitos da Terceira Idade (ANEXO I). Foram realizadas gravações em formato digital e depois transcrevemos as falas dos entrevistados. De todas as questões, três foram escritas diretamente no computador, como as questões: p.05, pg. 82; p. 06. pg. 82 e a p. 12, pg.83.

As perguntas foram propostas em três segmentos:

No segmento I – identificamos o perfil dos sujeitos, como os dados pessoais de cada um, idade, sexo e impressões pessoais:

p. 01, “Quantos anos você tem?” “Qual é a sua escolaridade?”

p. 02 “ Por que você resolveu aprender informática?”

p. 12 “Narrar algum fato ocorrido com amigos ou com alguém da família, relacionado ao computador.”

p.17 “Sente que após ter aprendido a usar o computador você tem mais confiança em acessar os serviços bancários ou em viagens?”

No segmento II – questões relacionadas ao uso do computador e detectamos o interesse dos sujeitos a utilizarem o computador, através das perguntas:

p. 03 “No início você sentiu alguma dificuldade com o manuseio do mouse ou do teclado? E se sentiu, qual foi essa dificuldade?”

p. 04 “Qual o programa do computador com que você mais se identifica?”

p. 05 “Descreva em algumas linhas, o que representa o computador para você.”

p.07 “Quais eram os seus hábitos de vida antes de aprender o computador?”

p.11 “Como está o seu relacionamento com amigos ou filhos após ter aprendido a usar o computador?”

p. 18 “Gosta de jogar no computador? Se sim, qual é o jogo de que mais gosta?”

No segmento III – questões relacionadas ao uso da Internet, de onde colhemos as diversas opiniões dos sujeitos pesquisados, quanto aos interesses e aspirações em relação à Internet: se o grupo teve contato com a Internet, ou oportunidades em fazer novas amizades, obtendo uma maior integração social. Averiguamos os sentidos dados e as respostas/reação dos sujeitos diante dos interesses e necessidades da aprendizagem da Internet e investigamos até que ponto os idosos estão acompanhando as novas tecnologias.

p. 06 “Fale sobre a importância de usar a Internet.”

p. 08 “Você possui e-mail? Tem o hábito de passar e receber e-mail?”

p. 09 “Possui muitos contatos no MSN? Qual é o horário que costuma acessá-los?”

p.10 “Costuma falar através do skype? Como este serviço facilitou a sua vida?”

p. 13. “Qual é a sua opinião sobre as salas de bate papo?”

p. 14 “Você usa serviços bancários através do computador? E em viagens?”

p. 15 “Você faz pesquisas na internet?” Qual é o site que você acessa para fazer as suas pesquisas?”

p.16 “Você ouve músicas ou assiste a clips pelo computador? Qual é o site que você mais acessa?”

Após a coleta dos materiais com base na Análise de Discurso, fizemos análises identificando o que o computador e a internet influenciaram na vida desses sujeitos atravessados pela linguagem midiática. A participação desses sujeitos na pesquisa nos ofereceu informações que poderão contribuir nas análises e interpretações sobre o uso e o processo de aprendizagem do computador, da linguagem da internet, assim como investigar que efeitos produziram na vida dos idosos após este aprendizado.

Fazendo parte dessa pesquisa os sujeitos seguiram certos critérios de orientação sobre a inclusão tais como: os entrevistados deveriam ter mais de 60 anos de ambos os sexos e possuir ou não experiências anteriores com o computador.

Quanto ao critério de composição do corpus, os sujeitos não poderiam ter menos que 60 anos, assim como não serem analfabetos.

## 2 A QUESTÃO DA VELHICE, A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO

Iniciamos este capítulo fazendo uma reflexão sobre o esquecimento e as lembranças, considerando que a discursividade (especificamente o processo de significação) está ancorada na memória. Retornamos formulações ao dizer algo, tanto quando confirmamos ou negamos sentidos.

Orlandi (1999) nos diz que a memória é “este saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra”. Sendo assim toda a prática discursiva tem relação com a memória, pois é através dela que nos identificamos e nos reconhecemos nos processos histórico - discursivos.

Freire (2009) comenta que um dos conceitos fundamentais em discurso é o da memória discursiva, pois, como diz Pêcheux (1999), é aquilo que funciona antes em outro lugar e independentemente do sujeito, cuja mobilização ocorre sempre que o sentido é produzido.

Entretanto, queremos propor nesta primeira parte da pesquisa, estabelecer um paralelo entre a memória discursiva, entendendo o seu funcionamento (discursivo) e a memória psicológica, pois como o objeto deste trabalho são os idosos, entendemos que seria importante conhecer o funcionamento da memória psicológica, já que muitos deles são afetados por uma forma de esquecimento que não pode ser ligada diretamente à memória discursiva, mas a dificuldades de outra ordem. É a partir daí que pretendemos desenvolver uma reflexão, em como se processa o deslocamento da memória psicológica e a sua relação com as lembranças e esquecimentos dos idosos. Temos observado neste convívio com os sujeitos da Terceira Idade, que alguns deles apresentam muitas dificuldades em fazer funcionar novas informações, principalmente as relacionadas com as tecnologias e o seu discurso<sup>1</sup>.

Veremos neste estudo a opinião de vários autores, para compreender este processo, assim como o funcionamento da mente do idoso.

---

<sup>1</sup> Consideramos que há inter-relação entre esta memória psicológica e discursiva, mas consideramos prematuro, em nosso estágio de conhecimento, correlacionar o funcionamento das duas.

Zangrandi (2007) comenta que o neurocientista Izquierdo diz que a memória com relação à sua função e a duração no cérebro, se divide em: memória de trabalho, de curta duração e na de longa duração.

A memória de trabalho ou operacional é aquela que dura apenas alguns segundos e não deixa traços bioquímicos. Nós a utilizamos de forma quase que automática, quando compreendemos uma conversa ou anotamos algum recado. Essas informações não ficam armazenadas, sendo mesmo impossível retomá-las posteriormente. Essa memória é processada fundamentalmente pelo córtex pré frontal, que é a parte mais anterior do lobo frontal.

As memórias de curta e longa duração possuem uma divisão mecânica, ou seja, ocupam algumas das mesmas áreas no cérebro, que são o córtex entorrinal e o hipocampo. - “Fora as áreas da linguagem, usamos as mesmas regiões do cérebro e mecanismos moleculares semelhantes para construir e evocar memórias totalmente diferentes” ensina o professor. Existem memórias que duram a vida toda, que têm um substrato químico sólido ou sofreram a síntese protéica e outras que duram no máximo seis horas, como por exemplo, é o caso da memória de curta duração (IZQUIERTO, 2007).

A autora Zangrandi (2007), afirma que Izquierdo diz que a descrição da formação desse mecanismo, das duas memórias – de curta e longa duração, ocorre simultaneamente, pois na verdade elas já existiam apesar de ninguém ainda haver provado esses processos independentes e paralelos. Pensava-se que estas podiam ser contínuas. Ele afirma que é justamente na sinapse (local de contato entre neurônios, onde ocorre a transmissão de impulsos nervosos de uma célula para outra), onde são armazenadas as memórias, a cada nova informação que é armazenada no cérebro, formam-se novas sinapses ou fortalecem as que já existem. Hoje se sabe que as sinapses estão sempre em movimento e que a falta de estímulo pode atrofiá-las. Todas as vezes que aprendemos algo novo, estamos fortalecendo ou aumentando a rede de sinapses. Se não usamos a memória, as sinapses se retraem e a informação se perde. Izquierdo comenta que o mal de Alzheimer não ocorre por falta do uso da memória, mas devido a lesões cerebrais que matam as sinapses e as células nervosas. (idem)

Conforme a leitura que fizemos sobre os tipos de memórias, gostaríamos de registrar também a explicação que a autora Sé (2005) faz, demonstrando através de um gráfico os tipos de memórias e as suas fases:

	<b>Dividida</b>	<b>Codificação</b>	<b>Armazenagem</b>	<b>Recuperação</b>
<b>Memória de curto prazo</b>	Primária e Operacional ou memória de trabalho	Estímulos de toda modalidade	Segundos	Depois de no máximo 20 segundos
<b>Memória de longo prazo</b>	Declarativa ou explícita e memória não declarativa ou implícita.		Horas ou semanas	Após horas ou semanas

Conhecendo um pouco mais sobre a memória de curto prazo, sabemos que ela é dividida em primária e operacional, sendo também chamada memória de trabalho. Ambas armazenam informações por curtíssimos períodos de tempo. A diferença entre ambas é que as informações processadas na memória primária são aquelas que serão usadas imediatamente, sem manipulação, como guardar um número de telefone que será usado imediatamente.

A memória operacional refere-se ao armazenamento temporário para o desempenho de diversas tarefas cognitivas, como leitura, cálculo, conversação e planejamento. Sé (2005) comprova em seus estudos que os idosos apresentam algumas vezes, dificuldades de memorizar uma sequência de dígitos e apresentam problemas relacionados à memória de trabalho.

Entretanto, ela diz que a memória de longa duração ou de longo prazo é a responsável pelo armazenamento da informação por um período mais longo, horas ou semanas. Esta memória é dividida em memória declarativa ou explícita e memória não declarativa ou implícita.

A memória declarativa ou explícita retém informações que o indivíduo processa conscientemente. Ela se divide em: memória episódica que é relativa à lembrança de fatos e coisas associados a um tempo ou lugar em particular, como por exemplo, quando aconteceu um fato ocorrido na infância ou onde guardamos algum objeto. Já a memória semântica é responsável por nossos conhecimentos sobre o mundo, nome de lugares, vocabulários e normas sintáticas.

A memória prospectiva depende da independência da pessoa e da orientação temporal. Os idosos com dificuldade na memória prospectiva não conseguem lembrar, por exemplo, de tomar o remédio em determinado horário.

Fatores que influenciam o mau funcionamento da memória prospectiva pode ser a ansiedade, estresse e declínio cognitivo, que são atribuídos à falta de estímulos e recursos do ambiente.

A memória implícita é responsável pelas informações relativas aos nossos hábitos, habilidades e atividades que realizamos de maneira automática.

Entretanto, na memória de procedimento o aprendizado é implícito e a recordação é inconsciente e involuntária, não envolvendo palavras. Abrange as habilidades motoras, o saber fazer, como por exemplo, lembrar como as coisas são feitas, como escovar os dentes, arrumar a cama, pentear os cabelos, amarrar os sapatos.

Em uma perspectiva semelhante de análise sobre a memória, Antunes (2003) nos diz que a existência dessas memórias são percebidas em diversas ações que fazemos no dia a dia e só podemos percebê-las pela falta ou não do funcionamento de uma delas manifestado em disfunções cerebrais, como no caso do “mal de Alzheimer”. Neste caso, aparecem como se houvesse buracos na memória declarativa e quase nenhuma perda na memória de procedimento, desta forma o sujeito não se esquece da fala, mas pode se esquecer dos filhos que tem.

Um fator significativo nas condições históricas é quando Sé (2005) faz uma alusão sobre o mito Mnemosine, que na cultura grega representa a deusa que é a personificação da memória, o que indica a importância da memória, desde a Antiguidade. Ela conclui dizendo que a memória humana é uma função da mente que nos possibilita sermos indivíduos singulares e que, por meio da memória guardamos nossas vivências mais simples e as levamos ao longo da vida somando novas experiências.

A autora ainda faz uma analogia entre a memória e o computador baseada na teoria do processamento de informação em que a memória seria o hardware, enquanto os processos seriam os softwares.

Esta é a perspectiva cognitiva da concepção da memória. Mais à frente falaremos da memória discursiva, no capítulo 4.

### 3 A IMAGEM DO IDOSO ATRAVÉS DA HISTÓRIA

A velhice é uma palavra carregada de inquietude, de fragilidade e às vezes de angústia. O envelhecimento é um processo que é cercado de muitas concepções falsas, de temores, crenças e mitos. Muitos desses medos que envolvem a velhice em nossos tempos são reflexos de uma “cultura” remota em que os velhos tinham limitações mais intensas interferindo nesta etapa da vida (LORDA, 2001).

Sabemos que o envelhecimento acarreta transformações em maiores ou menores limitações, sobretudo dependendo da situação social dos sujeitos.

Verificamos também, através da história a existência de povos que tratavam bem os idosos enquanto outros não lhes despendiam tratamento.

Lorda (2001) faz alusão a alguns antecedentes históricos e ideias sobre o tema que nos leva a compreender as práticas que prevalecem ao redor desta etapa de vida. Por exemplo, ele relata que na sociedade dos tempos babilônicos, para os hebreus na antiga Grécia, a imortalidade e a possibilidade de renovar a juventude são temas que estiveram presentes entre eles. De forma contrária, os gregos enalteciam a beleza, a força, a juventude dos jovens e relegavam os velhos a um lugar subalterno.

Entretanto, a imagem que se tem das mitologias e lendas varia segundo a cultura, o tempo e de lugar para lugar. O autor afirma que não existe uma concepção única e definitiva da velhice, existindo sim concepções incertas, opostas e variadas, através da história, em torno desse tema.

Concorda ainda o autor que cada sociedade tem um tipo de organização sócio-econômica e cultural responsável pelo papel e pela imagem dos anciãos e anciãs. Os antigos hebreus, por exemplo, demonstravam um grande respeito por seus patriarcas, os idosos. Na época do nomadismo, os anciãos eram considerados chefes naturais do povo, aos quais se consultava quando necessário. O patriarca era o modelo e sua longevidade tida como sinal de bênção divina (Ibidem). Considera também que no mundo dos romanos, os anciãos tinham um papel essencial, ao menos no que refere à tomada de decisões. O direito Romano concedia uma autoridade particular aos anciãos na figura do “pater familiae”, este era o chefe absoluto, que possuía autoridade sem limites. Devido a isto, durante a República Romana, geraram-se conflitos de gerações e um ódio incipiente aos anciãos. Esta imagem negativa do ancião foi combatida por Sêneca, que

tinha opinião mais equilibrada sobre a velhice. Ele descreve a idade avançada cheia de satisfações, sendo ele, aos sessenta anos, o educador do jovem Nero.

É importante observar o tratamento dos idosos através dos séculos.

No século VI houve o nascimento da gerontologia e da geriatria com um estudo científico sobre o processo de envelhecimento e dos problemas recorrentes desta faixa etária. Constatou-se uma melhoria na saúde física e psicológica do idoso para que esta fase de transformação pudesse acontecer de uma forma mais respeitada. Identificava-se a velhice como o cessar da atividade, um isolamento mediante o retiro.

Nos séculos XIV e XV, as epidemias mortíferas da peste e da cólera deixaram em sua passagem um grande número de idosos que a elas sobreviveram.

Durante os séculos XVII e XVIII, as transformações que sofreu a Europa, refletiram uma mudança na condição dos anciãos. O número de pessoas de idade avançada aumentou e os avanços científicos permitiram atenção nas enfermidades da velhice.

Na idade Média os muçulmanos tinham idéias sobre a natureza da velhice muito parecida com as Greco-romanas. Os mais débeis, entre eles os anciãos, estavam submetidos aos mais fortes, sendo parte da população escrava e serviçal.

Na Idade Moderna, com a ascensão da burguesia, o velho passa a ganhar um maior espaço para existir. Mesmo velho, o chefe de família permanece como proprietário e com poder econômico que o valoriza e o transforma num centro de atenção para os mais jovens. Ela assinala que na atualidade, a velhice vive um eterno conflito, ora sendo exaltada como na visão platônica, ora sendo desprezada como na visão aristotélica.(MEIRELLES,1997)

As transformações trazidas pela Revolução Industrial e o urbanismo foram funestas para os anciãos, pois devido à idade, dependendo da sua classe social, não era permitido trabalhar e assim eram reduzidos à miséria.

Ao que se refere a esses vocabulários classificatórios, no século XIX, na França, o termo velhice caracterizava, essencialmente, as pessoas que não podiam assegurar seu futuro financeiro, designando-se, mais precisamente, como velho, vieux, ou velhote, vieillard, os indivíduos que não tinham status social, enquanto idoso traduzia-se por "personne âgée", ou seja, aqueles que tinham idade e que bem viviam socialmente FREITAS, (2002).

Beauvoir (1990), diz que a sociedade fecha os olhos não apenas para os velhos, mas para os deficientes, os jovens delituosos e também para as crianças desamparadas.

Afirma ainda que a sociedade dissemina sobre o velho o desprezo e o asila como um morto em liberdade condicional, com o qual o adulto não estabelece harmonia.

Diz ainda que quando se conspira em silêncio não se pode colher a palavra que liberta. E indigna-se ao afirmar que “a velhice denuncia o fracasso de nossa civilização. É preciso recriar se quisermos que a condição do velho seja aceitável”. (BEAUVOIR, 1992)

O envelhecimento, comenta Corazza (2006) é um processo natural e complexo que envolve a genética, estilo de vida, situação social e doenças crônicas que interagem influenciando a maneira pela qual envelhecemos.

Já Nascimento (1997) faz uma analogia onde há um deslocamento da representação em termos discursivos, num imaginário do que é ser um velho e do que é ser um idoso. Nesse deslocamento, o velho e o idoso têm uma concepção antagônica, e nesta relação de sentidos percebe-se uma nova concepção de identidade e de sujeitos. Nesse movimento histórico, social e cultural o autor relata em forma de poesia, o que é ser idoso e o que é ser velho.

Ao se ler o que segue, fazendo funcionar o que Pêcheux (1995) chama de efeito metafórico, os enunciados se constituem de pontos de deriva onde os sentidos são outros. O efeito metafórico se dá quando em uma relação parafrástica, há deslizamento de sentidos de um enunciado para outro em seus pontos de deriva:

Exemplo: Idosa é uma pessoa [que tem muita idade].

Velha é a pessoa [que perdeu a jovialidade].

O sentido: idosa é diferente do outro sentido: velha.

Consequentemente (o que vem entre colchetes) também tem sua formulação deslocada, indicando um sentido diferente, outro.

No que segue, podemos distinguir duas formações discursivas marcadas pelo modo como são significados o velho e o idoso. Estas formações discursivas em suas distinções são frequentes em uma sociedade como a nossa, dividida social e politicamente.

**Idosa** é uma pessoa que tem muita idade.

**Velha** é a pessoa que perdeu a jovialidade.

A idade causa degenerescência das células.

A velhice causa a degenerescência do espírito.

Por isso nem todo **idoso** é **velho** e

Há **velho** que ainda nem chegou a ser **idoso**.

Você é **idoso** quando sonha.

É **velho** quando apenas dorme.

Você é **idoso** quando ainda aprende.

É **velho** quando já nem ensina.

Você é **idoso** quando pratica esportes, ou de alguma outra forma se exercita.

É **velho** quando apenas descansa.

Você é **idoso** quando ainda sente amor.

É **velho** quando só tem ciúmes e sentimento de posse.

Você é **idoso** quando o dia de hoje é o primeiro do resto de sua vida.

É **velho** quando todos os dias parecem o último da longa jornada.

Você é **idoso** quando seu calendário tem amanhã.

É **velho** quando seu calendário só tem ontens.

O **idoso** é aquela pessoa que tem tido a felicidade de viver uma longa vida produtiva, de ter adquirido uma grande experiência. Ele é uma ponte entre o passado e o presente, como o jovem é uma ponte entre o presente e o futuro. E é no presente que os dois se encontram.

**Velho** é aquele que tem carregado o peso dos anos, que em vez de transmitir experiência às gerações vindouras, transmite pessimismo e desilusão. Para ele, não existe ponte entre o passado e o presente, existe um fosso que o separa do presente pelo apego ao passado.

O **idoso** se renova a cada dia que começa.

O **velho** se acaba a cada noite que termina.

O **idoso** tem seus olhos postos no horizonte de onde o sol desponta e a esperança se ilumina.

O **velho** tem sua miopia voltada para os tempos que passaram.

O **idoso** tem planos.

O **velho** tem saudades.

O **idoso** curte o que resta da vida. O **velho** sofre o que o aproxima da morte.

O **idoso** se moderniza, dialoga com a juventude, procura compreender os novos tempos.

O **velho** se emperra no seu tempo, se fecha em sua ostra e recusa a modernidade.

O *idoso* leva uma vida ativa, plena de projetos e de esperanças. Para ele o tempo passa rápido, mas a velhice nunca chega.

O *velho* cochila no vazio de sua vida e suas horas se arrastam destituídas de sentido.

As rugas do *idoso* são bonitas porque foram marcadas pelo sorriso.

As rugas do *velho* são feias porque foram vincadas pela amargura.

No fragmento acima, é possível perceber a diferença da concepção produzida no imaginário que reflete e retrata a imagem entre ser *idoso* e *velho*. São duas formações discursivas, mas indicam a mesma formação ideológica.

Trabalhando há nove anos com idosos percebemos nitidamente a maneira com que cada sujeito se significa e como estas marcas produzem sentidos. Normalmente os *idosos* que procuram se atualizar possuem um olhar diferente frente às evoluções tecnológicas da atualidade, entretanto, outros não se interessam em conhecer esta nova linguagem. Orlandi (2009) relata que o discurso da inclusão não transforma o excluído, apenas o adéqua às formas dominantes sejam da cultura, do conhecimento, que pretende inserir, face à ideologia da mundialização.

Desta forma, os *idosos* são colocados na posição de “interagir” mais com os seus filhos e netos, pois, ao estarem em contato com esta nova linguagem eles passam a não se sentir fora do contexto tecnológico.

Segundo Orlandi (2001), “se é sujeito pela submissão à língua, na história e não se pode dizer senão afetado pelo simbólico e pelo sistema significante”. Na Análise de Discurso “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia”.

E quanto à questão do assujeitamento e da determinação histórica, leva em consideração a contradição, a forma histórica do sujeito e o seu processo de individualização abertos para o equívoco, a falha, o deslocamento e a transformação. Há, pois, possíveis deslocamentos do sujeito aos modos pelos quais o Estado o individualiza, deslocamentos que afetam os modos como o sujeito, com sua forma histórica, relaciona-se com as instituições e isso pode resultar em rupturas, transformações no processo de sua individualização. (idem) É dessa forma, que a Análise de Discurso trata do assujeitamento, ou seja, do fato de que o sujeito está sujeito à (língua) para ser sujeito da (língua). No caso dos *idosos*, procuramos observar como seu modo de individualização, ao serem expostos ao discurso das novas tecnologias da linguagem, o afetaram em seus interesses, em seus modos de significarem a si mesmos.

## 4 A VIDA E O ENVELHECIMENTO

Na perspectiva do curso de vida, traremos a reflexão de Groisman (1999), que busca discutir a velhice sob uma dimensão histórica. O autor diz que há uma preocupação em colocar limites para a definição de uma linha dividindo as fases da vida entre as fases adulta e a velhice. E desta forma é como se dividisse a existência humana como ciclos de vida regidos até mesmo por algum organismo internacional. Para ele, essas fases apresentam uma sequência universal, dividindo-se em ciclos: infância, adolescência, maturidade e velhice. Diz também que estes períodos têm características próprias, bem delineadas e progressivas, aplicável a todas as sociedades.

Debert (1999) nos mostra que em todas as sociedades existem agrupamentos etários, havendo até a consideração das idades, para a ampliação de estudos antropológicos, contudo essas grades de idade se diferem dependendo de cada grupo social e do contexto histórico particular de cada ordem. A autora afirma ainda que a Terceira Idade foi criada pelo mundo ocidental.

Sendo assim, Debert (1999) defende a idéia de curso da vida, como um processo gradual possuindo aspectos históricos, sociais, individuais para perceber os períodos da vida. Conseqüentemente, Segundo ela nas sociedades tradicionais a divisão da vida demarcada por etapas, não se dava nas sociedades modernas.

Sabe-se que o envelhecimento populacional, no século XX, impeliu a velhice para idades mais avançadas, inclusive a virada do século foi fundamental para um novo delineamento da velhice. Entre o século XIX e XX, certas características da velhice moderna podem ser percebidas. Para nos demonstrar estas definições, a autora acima faz uso das três tecnologias de diferenciação:

A primeira, o saber genético – substituindo a visão de doença ligada às forças cósmicas ou divinas por outra, entendendo a doença nos tecidos do corpo a partir de exercícios anatômicos. Inclusive, há um crescimento do mercado de geriatras, gerontólogos, principalmente há uma crescente disciplina da existência humana e uma preocupação na prevenção de doenças.

Na segunda tecnologia de diferenciação – há o surgimento das aposentadorias, em meados do século XIX, garantindo aos operários a sobrevivência através do trabalho. Determinava a idade como critério de afastamento de produção baseada na

força física. Mesmo aptos fisicamente, ao alcançar a idade da aposentadoria, os trabalhadores entram no rol dos inativos. Alguns deles sendo de alguma forma vistos de alguma maneira com discriminação social: o etarismo.

A terceira tecnologia de diferenciação – se refere aos asilos de velhos que, segundo Groisman, transforma os almhouses em instituição para os idosos nos EEUU, criando a geriatria no interior dessas instituições. Desta forma pela constituição da gerontologia e da geriatria, das aposentadorias e dos asilos para idosos, novas imagens são atribuídas à velhice, as quais no curso de vida contemporânea ganham contornos inovadores e formam possibilidades futuras.

Debert e Groisman (1999) falam também que, com o processo de modernização, a industrialização traz o afastamento dos velhos do mundo produtivo<sup>2</sup>. Quanto a isso, os autores acima, fazem uma análise sobre o processo de modernização, afirmando que após a industrialização ocorreu o afastamento dos velhos do mundo e com a urbanização, a redução do tamanho da família se esgota e o poder patriarcal do idoso, cujo saber se torna menos adequado às necessidades dos jovens escolarizados, faz perceber uma nova forma de discriminação social: o "etarismo".

A marginalização e a solidão parecem se constituir no destino implacável de todos os velhos, pois, valendo-se de Katz, Groisman (1999), comenta que há um consenso na literatura mais atual no sentido de que a homogeneidade nunca teria sido a característica da velhice:

“(...) existe um imaginário entre os velhos classificando-os em ricos e pobres, venerados ou denegridos e tratados tanto de forma dura quanto generosa pelas famílias e comunidades, não havendo necessariamente um padrão para isso" (GROISMAN, 1999).

Entretanto, sob outro olhar, o autor discute a teoria da modernização que para ele corresponde à ideia de que as mudanças decorrentes dos tempos modernos teriam acarretado aos idosos uma série de problemas, mas que, simultaneamente, teriam trazido novos termos como a gerontologia. E desta forma, a qualidade de vida na velhice estaria garantida e a gerontologia seria pois decorrente de uma consequência natural do aumento proporcional de idosos no mundo.

Por outro lado, o autor, indo contra essas perspectivas, parte para uma nova interpretação reconhecendo a impossibilidade de um afastamento total da teoria da

---

<sup>2</sup>Nesse processo, produz-se, como dissemos uma imagem desvalorizada da pessoa idosa, na ideologia burguesa.

modernização, mas põe algumas distinções fundamentais, buscando evitar padrões básicos havendo outro significado do conceito de velhice que podemos analisar antes e depois da modernização.

Groisman (1999), desta forma, passa a desenvolver a história da velhice a partir da perspectiva que Katz denomina "curso de vida moderno", ou seja, uma vez analisados os processos econômicos, culturais e burocráticos em sua participação nas diferenciações das idades, a velhice passa a ser entendida como uma etapa diferenciada e que ganhou contornos próprios em um dado momento histórico.

Entretanto, a partir do século XXI a velhice ganhou espaço, os idosos passaram a ser percebidos por políticos, legisladores e o mercado de consumo, alcançando um lugar de evidência nas políticas sociais. Ideologicamente, como para outros fatos, medicaliza-se a velhice e, ao mesmo tempo, com a globalização, introduz-se o assistencialismo e o comunitarismo, para se falar nas características de cada "comunidade", na diferença respeitada e na promoção da dignidade. Percebe-se uma preocupação com os sujeitos da Terceira Idade surgindo a cada dia os centros e convivência para pessoas idosas. Há uma valorização dos idosos e a mídia que explora a imagem dos idosos através de propagandas, de esportes ou oferecendo laser através de viagens. Surgem espaços em parques equipados com aparelhos de musculação ou disponibilizados em academias especializadas para a Terceira Idade. É comum ver idosos utilizando celulares, aparelhos de som digital, porém o que não é tão habitual é encontrar idosos que usam computador e seus periféricos. Entretanto os idosos melhor situados socialmente, têm interesse e procuram aprender sobre a Internet e a sua linguagem.

## 5 A MEMÓRIA NA ANÁLISE DE DISCURSO

Pêcheux, fundador da Análise de Discurso da Escola Francesa, num cenário de inquietação política, onde havia críticas à tradição da universidade francesa por parte da geração althussero-lacaniana, beneficiando-se do estruturalismo, pelo não conteudismo, mas indo além dele, afirma que este produz um deslocamento ao se constituir a Análise de Discurso como nova forma de pensamento sobre a linguagem, visando combater o excessivo formalismo linguístico desta época.

Em meados dos anos 50 e 60, Pêcheux coloca as bases da Análise de Discurso, no auge do estruturalismo, como paradigma de deslocamento, compreensão na interpretação e na compreensão do mundo, das idéias e das coisas. Neste período reuniram-se pensadores, escritores, professores que representavam o movimento estruturalista, surpreendendo os europeus, mais especificamente os franceses.

Pêcheux (1975) ensina repetidamente que o espaço da Análise do Discurso é “o espaço incerto onde a língua e a história se encontram mutuamente submetidos e submersos pela interpretação”. Este pensador afirma que a memória deve ser entendida como “algo que fala antes, em outro lugar independentemente”.

A Análise de Discurso questiona o conceito de língua, enquanto sistema fechado em si mesmo e traz para a reflexão a historicidade. O sujeito ficava de fora nas correntes linguísticas da época.

Ferreira (2008) aborda a tríplice tensão que constitui o pensamento de Pêcheux, que é uma problemática que permanece trabalhando e produzindo efeitos, no entrecruzamento entre a sistematicidade da língua, a historicidade e a interdiscursividade.

Na sistematicidade da língua, o sujeito encontra a sua materialidade nas normas e regras. A historicidade é a condição da inscrição da língua na história e o movimento de sentidos no texto. A interdiscursividade é a memória discursiva, o já dito e o repetível.

Para entender o funcionamento da memória no campo do discurso político, Courtine (1986) apresenta uma anedota que repercute efeitos relacionados a vários de seus aspectos. Conta que em fevereiro de 1948, o dirigente comunista K. Gottwald discursava na sacada de um palácio, em Praga, para uma multidão, rodeado de

companheiros, bem perto dele encontrava-se Clémentis. Como fazia frio e Gottwald estava com a cabeça desprotegida, este, solicitamente, tirou sua boina e a colocou na cabeça de Gottwald. Foram depois distribuídos milhares de exemplares da foto da sacada em que o dirigente, com a boina, rodeado de companheiros, falava ao povo. E todos conheceram estas fotos que foram afixadas em manuais e museus. Quatro anos mais tarde, acusado de traição, Clémentis caiu. O Setor de Propaganda tratou de apagá-lo imediatamente da história e, claro, da foto. A partir de então, Gottwald aparecia só na sacada. E onde estava Clémentis, só se via o muro vazio do palácio, restando de Clémentis apenas a boina na cabeça de Gottwald. Esta reflexão nos fala sobre a memória e o discurso: lembrança e esquecimento, o apagamento e a substituição, o retorno do que foi apagado, a constituição histórica da memória.

Como diz Courtine (1994), forma-se um tecido da memória, significando como aquilo que ora se costura, ora se esgarça, gasta-se, esburaca-se. É por isso que a memória nos torna únicos, singulares, menos pelo que lembramos e mais pelo que esquecemos.

Orlandi (2004) analisa as multidireções de um texto e a sua materialidade, fazendo uma distinção entre o que chamamos de memória histórica (o interdiscurso) e a memória metálica que é a memória linear, horizontal que rege a produção do discurso produzido pelo computador (a informatização dos arquivos). Os textos produzidos são distintos em sua ordem porque as memórias que os constituem são distintas em suas materialidades, sendo uma histórica (o interdiscurso) e a outra formal, binômica. A memória metálica reduz o saber discursivo a um pacote de informações ideologicamente equivalentes, o que produz efeito de onipotência do autor e o deslimite dos seus meios (a memória metálica) devido à quantidade de informações.

Orlandi (2004) também cita Pêcheux e afirma que a exterioridade absoluta de um conhecimento mítico, descolada de qualquer memória histórica ou cultural, encontra uma formulação apropriada em uma língua universal, lógico matemático, também sem memória.

A autora se refere à memória histórica como àquela sujeita a falhas que, embora seja limitada em seus meios, não o é em seu funcionamento. Enquanto a memória metálica, a que não falha, que é ilimitada em sua extensão em seus meios, pode só produzir o mesmo em sua variação, em suas combinatórias.

Orlandi (2004) nos mostra também que “as formas linguísticas não são estruturas segundo a ordem do lógico matemático, elas são capazes de deslocamentos, de transgressões, de reorganizações”.

A prática escrita através de textos no computador transforma a relação do autor com a sua escrita, em função da mudança discursiva - algoritimizada.

Afirma Orlandi (2009), que temos um modo particular de tratar a questão da memória e em consequência a de interpretação, historicidade e arquivo através das tecnologias da informação. Desta forma a noção de informação recebe novas determinações na perspectiva discursiva e no modo como as tecnologias de linguagem e o deslocamento são produzidos nas relações dos sujeitos com a linguagem.

Em notas de rodapé, Orlandi (2004) comenta que nesta questão de informatização e da memória metálica, um dos pontos de dificuldade do projeto da Análise de Discurso 69 proposto por Pêcheux está na impossibilidade de se construir um dispositivo informatizado que possa especificar propriedades discursivas (linguístico históricas, ideológicas) a partir de uma totalidade de textos e que levem a uma análise fechada, representando uma memória. A autora considera que é outra a relação da análise com o fato discursivo e também da possibilidade de trabalhar a dispersão e o equívoco. Indaga ainda, como que pela informatização é possível representar a “memória” de um discurso sem esvaziar o acontecimento?

Segundo as novas linguagens os aspectos relacionados ao computador e a Internet nos obrigam a rever noções clássicas na teoria como: autoria, efeito sujeito, memória, língua etc. (FERREIRA, 2008).

Esse acesso se faz pelo real da língua e o real do sujeito. O discurso nunca é único e homogêneo, pois considera fortemente e de maneira variável a subjetividade do enunciador. Sendo assim, em nossa voz sempre ressoa outra voz, a voz do outro. Interessante observar que quando nos comunicamos verbalmente, fazemos uso de palavras conhecidas, já ditas que tomamos para nós. Essa heterogeneidade é o que Authier-Revuz (1990) distingue em heterogeneidade mostrada e constitutiva.

A heterogeneidade constitutiva do discurso e a heterogeneidade mostrada representam duas ordens de realidade diferentes, segundo Authier- Revuz (1990): a dos processos reais de constituição de um discurso e a dos processos não menos reais de representação, num discurso, de sua constituição. A heterogeneidade constitutiva é radical ao sujeito e ao discurso e não é localizável nem representável, onde estão em jogo, segundo a autora, o inconsciente e a ideologia.

Já a heterogeneidade marcada é a representação no discurso das diferenciações, disjunções, fronteiras pelas quais o um (sujeito, discurso) se delimita na pluralidade dos outros, afirmando ao mesmo tempo um enunciador a seu discurso. Como diz J. Authier (1990), face ao “uisso fala” da heterogeneidade constitutiva responde-se através dos “como diz o outro” e “se eu posso dizer” da heterogeneidade mostrada. O que mostra a heterogeneidade é a sui-referencialidade da linguagem sua reflexividade. Ela aponta para si mesma Orlandi (2004).

Segundo Orlandi (2004) a Análise de Discurso trabalha no entremeio, fazendo uma ligação, mostrando que não há separação entre linguagem e a sua exterioridade constitutiva.

A autora mostra que é na relação com a exterioridade que esta relação ganha a existência para a Análise de Discurso. E quanto ao entremeio e a contradição, Orlandi mostra que o mundo existe, mas no discurso ele é apreendido, trabalhado pela linguagem, trata-se do mundo “para”, não um mundo “em si”.

A Análise de Discurso interessa-se pela linguagem tomada como prática: mediação, trabalho simbólico, e não só instrumento de comunicação. É o discurso que transforma e constitui identidades, ao falar eu me significo. Falando discursivamente sujeito e sentido não podem ser tomados como já existentes em si, pois é pelo efeito ideológico que funciona como se sempre eles já estivessem lá (ORLANDI, 2004).

Entretanto, a Análise de Discurso se define pela sua proposta das novas maneiras de ler, colocando o dito em relação ao não dito, ao dito em outro lugar, problematizando as leituras de arquivo, expondo o olhar do leitor à opacidade do texto. Orlandi (2001) coloca que, quando trabalhamos com a Análise de Discurso, não podemos desconhecer a questão da memória discursiva ou interdiscurso. A memória discursiva traz para a reflexão a consideração do inconsciente e da ideologia. Para Pêcheux os sentidos (constituídos na relação com a ideologia) não se aprendem, constituem-se por filiação a redes de memória (Orlandi, idem).

E a definição discursiva de interdiscurso é o conjunto de dizeres já ditos e esquecidos que determinam o que dizemos, sustentando a possibilidade mesma do dizer. Para que as nossas palavras tenham sentido é preciso que já tenham sentido, a memória discursiva: algo fala antes, em outro lugar, independentemente. Assim como no interdiscurso, a memória discursiva se estrutura pelo esquecimento, diferentemente do que Orlandi (2001) chama de memória de arquivo que é o discurso documental, é a memória que se acumula.

Verificamos que Malidier (2003) afirma que na memória o sentido de forma histórica, se faz através da incessante retomada do já dito.

Se analisarmos a memória não pelo lado da repetição, mas pela ótica da regularização observamos uma oscilação entre o histórico e o lingüístico, onde o ator social ou o analista discorrem sobre discursos em circulação.

Pêcheux (apud Nunes, 1999) e Orlandi (2005) afirmam que a memória é feita de esquecimentos, de silêncios, de sentidos não ditos, de sentidos a não dizer. A memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujo conteúdo seria de um sentido homogêneo, sendo necessário um espaço móvel de disjunções, de desdobramento de retomadas de conflitos de regularização.

Entretanto Achard (1999) trata da “memória e produção discursiva do sentido”, abordando como condição necessária o estatuto de implícitos dizendo que a “estrutura do discursivo vai constituir a materialidade de uma certa memória social”, e afirma também que a memória não pode ser provada, não pode ser deduzida de um corpus, ela se encontra no implícito de um enunciado. Para ele a condição para que haja memória, é a necessidade de que o acontecimento ou o saber registrado saia da insignificância.

O autor acima comenta ainda que o sociólogo M. Halbwachs caracteriza a memória como “o que ainda é vivo na consciência de um grupo”. Para lembrar um acontecimento ou um saber, é necessário que o acontecimento lembrado reencontre sua vivacidade e que ele seja reconstruído a partir de dados e das noções comuns aos diferentes membros da comunidade social (ibidem).

## 6 TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Após a segunda guerra mundial, alguns acontecimentos foram determinantes para o processo de globalização, por exemplo, a mundialização das atividades das empresas multinacionais em todos os setores e também pelo aparecimento das novas tecnologias da informação, havendo uma rápida expansão dos mercados financeiros mundiais, mudando alguns paradigmas tecnológicos com o uso dos processos produtivos das novas tecnologias baseadas na informática.

Essas mudanças na estrutura social transformaram o próprio modo como o homem se significa. E em relação a isto Lévi (1993), afirma, “a sociedade está sofrendo mutações” e por este motivo é necessário o homem pensar qual é a sua posição gerada pela tecnologia digital.

“O ciberespaço modificou a imagem do mundo” (Lévi, 1993). Neste sentido é que pensamos a língua e a sua relação com a organização da sociedade (cibercultura) na qual o ciberespaço passa a ser condição de produção material do discurso das Novas Tecnologias da Informação.

Pouco tempo após o surgimento da Internet, em 1998, o acesso ao computador e à Internet representava menos que 2% dos adultos do mundo, evoluindo para 2001 com mais de 500 milhões de usuários da internet conectados a um milhão de redes no mundo (TURBAN, 2003).

Vieira (2009) comenta sobre a pesquisa realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil que a aquisição de computadores em todas as regiões do país aumentou notavelmente e que 36% das residências brasileiras possuem computadores.

Desta forma, uma infraestrutura da informação se espalha como uma imensa teia de aranha, em escala planetária, interconectando todos os serviços ligados à comunicação e à informação.

Desta forma a Internet – rede mundial de computadores - cresce em ritmo acelerado e algumas metáforas tecnológicas já fazem parte do nosso vocabulário como ciberespaço ou espaço virtual.

No ciberespaço as memórias são repartidas e resultam de uma virtualização dos computadores os quais representam um dos grandes surgimentos tecnológicos.

A World Wide Web, é um tapete de sentidos tecido por milhões de pessoas e devolvido sempre ao tear e às memórias comuns<sup>3</sup> secretadas coletivamente nas conferências eletrônicas (LÉVY, 1999).

Navegar no ciberespaço<sup>4</sup> equivale a passear em olhares conscientes das inteligências coletivas, contudo acessando o processo intelectual de toda a rede que permite aos indivíduos fazer uma leitura intertextual.

Castells (2007) considera que a história da vida apresenta uma série de situações estáveis, pontuadas em intervalos raros e por eventos importantes que ocorrem com uma rapidez incrível, constituindo a próxima era estável. Ele afirma ainda que no final do século XX vivemos um desses intervalos na história cuja característica é a transformação de nossa “cultura material” pelos mecanismos de um novo paradigma tecnológico, organizando - se em torno da tecnologia da informação.

Houve mudanças em muitas áreas, principalmente nas científicas e tecnológicas e em muitas dessas áreas firmaram-se as teses ultraliberais do *laissez-faire*. A globalização nas trocas de signos foi incrivelmente acelerada, em especial, devido à evolução da informática e da comunicação. Pela primeira vez na história do mundo, as informações são retransmitidas em alta velocidade ao mundo inteiro e são dirigidas permanentemente, por mediação das cadeias televisivas retransmitidas via satélite para todo o planeta (CASTELS, 2007).

Com efeito, a inteligência e o *savoir-faire* humanos sempre estiveram no centro do funcionamento social. Tanto que os conhecimentos vivos, os *savoir-faire* e competências dos seres humanos, estão prestes a serem reconhecidos como a fonte de todas as riquezas. O papel da informática e das técnicas de comunicação com base no digital não seria o de “substituir o homem”, nem aproximar - se de uma hipotética “inteligência artificial”, mas sim promover a construção de coletivos inteligentes (que deve ser entendido: trabalhar de comum acordo) nos quais as potencialidades sociais e cognitivas poderão desenvolver-se e ampliar-se de maneira recíproca.

---

<sup>3</sup> A esse fato Orlandi (1996) chama de memória metálica, a que se estende simulando uma historicidade que na realidade apenas funciona em sua superfície, ou seja, pelo retorno ao mesmo e a constituição da série..

<sup>4</sup> O ciberespaço é uma palavra de origem americana, designando o universo das redes digitais como um lugar de encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural. (LÉVY,1993).

Desta forma o principal projeto arquitetônico do século XXI, para os que assim concebem o ciberespaço e a informação, será o de imaginar, construir e organizar o espaço interativo e móvel do ciberespaço (LÉVI,1998).

Alcoforado (1997) afirma que todas estas evoluções tecnológicas foram determinadas após o processo de globalização. Pelo advento das novas tecnologias da informação, houve uma rápida expansão dos mercados financeiros mundiais baseados na informática.

Entretanto, Lévi (1999) afirma que após o ano 2000 ocorreriam mutações que afetariam o universo digital. Nesta ocasião foram inventadas novas interfaces com o corpo e o sistema cognitivo humano, a realidade virtual.

Lévi (1999) assim como Castells (2007) profetizam que a cibercultura se tornaria o centro de gravidade da galáxia cultural do século XXI e que seria difícil distinguir o real do virtual. Ele fala que o virtual reveste a informação e a comunicação de suporte digital, mas conclui que esta proposição é absurda, pois continuaremos a viver a nossa vida normalmente e que a linguagem é a primeira realidade virtual a nos transportar para fora do aqui e agora.

Segundo Santaella (2004), o ciberespaço se relaciona com a realidade virtual, com a visualização da informação, com as interfaces gráficas, com as redes, enfim ele se relaciona e inclui todos estes meios, porque tem a capacidade de concentrar todas estas faces para um objetivo comum, o de interagir com os usuários do computador. Para a autora, será considerado todo e qualquer espaço informacional que permite a este o acesso, a manipulação, a transformação de seus fluxos codificados da informação. Sendo assim o ciberespaço é o espaço que se abre quando o usuário se conecta à rede. Este espaço também inclui os usuários da rede sem fio, com estes aparelhos, na conexão e na troca de informações.

Orlandi (2010) comenta que “o modo de circulação dos sentidos no discurso eletrônico nos faz pensar que, pela sua especificidade, produz consequências sobre a função-autor e o efeito-leitor que ele produz. E estas consequências estão diretamente ligadas à natureza da memória a que estes sentidos se filiam e também à materialidade significante dos meios.”

Para a autora acima, o discurso eletrônico desloca a concepção de texto e da autoria, tendo um impacto semelhante à invenção da imprensa, diferindo-se desta pelo ponto de vista técnico, científico e administrativo. Ela ainda afirma que há uma grande diferença entre um texto produzido em computador e um texto produzido a mão, porque

as informações da memória são distintas em suas materialidades: uma é formal e a outra é histórica.

Lévi (1993) faz uma reflexão e uma analogia entre o computador comparando-o a outras interfaces como, por exemplo o livro. Ele afirma que o livro assim como o computador foi tornando-se de um tamanho menor e de fácil manuseio, disponível para a apropriação pessoal e afirma que o computador assim como o livro só se tornou uma mídia de massa quando as variáveis da interface “tamanho” atingiram um valor suficientemente baixo. Ele também faz uma referência de que o hipertexto retoma e transforma as antigas interfaces da escrita. Faz também uma referência sobre a impressão que multiplica as cópias, mas representa também a invenção de uma interface padronizada.

## **7 A REORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DE LEITURA - AS “COISAS” A “SABER”.**

Segundo Lima (2001) as ondas de mudanças ocorrem transformando o mundo e afetando a vida das pessoas de maneira profunda algumas vezes.

Tangenciando essas ondas, surge a necessidade dos sujeitos obterem mais conhecimentos para o homem não ser destruído por eles.

Devido a estas transformações sociais e tecnológicas, os sujeitos da Terceira Idade buscam estes novos conhecimentos como forma de conquistar e desenvolver a sua memória discursiva, experimentam a sua capacidade de concentração.

Bobbio (1997), no auge dos seus 87 anos, em seu livro “O Tempo da Memória” faz uma narrativa sobre a sua vida. Na primeira parte do livro reflete sobre o significado da velhice no mundo contemporâneo, em especial, os sujeitos da quarta idade. Na segunda parte do livro ele usa uma metáfora: a vida é um conjunto de ensaios que resultam do método de aproximação sucessiva fazendo sempre um balanço de sua vida e procurando sempre entender o mundo e a sua evolução. Uma de suas metáforas preferidas se refere a quais são os caminhos sem saída do labirinto – da vida e da convivência coletiva, ou seja, o do direito e do poder – que são tão relevantes para o entendimento dos complicados problemas do convívio humano.

Bobbio (1997) ainda diz que a velhice não é uma cisão em relação à vida precedente e sim uma continuação da juventude, da maturidade que podem ser vividas de diversas maneiras. Ele diz que com o avançar da idade a curiosidade de saber não diminui, mas torna-se às vezes difícil satisfazê-la ou pelo enfraquecimento da energia intelectual, ou também pela vertiginosa rapidez com que a esfera do conhecimento tem evoluído, nesses últimos 50 anos. Ele se refere ao fato de que Cícero (apud Bobbio, 1997) afirmava que a velhice iniciava aos 60 anos, salvo algumas restrições. Para ele um octogenário era considerado um velho decrépito.

Hoje ao contrário, a velhice não burocrática mas fisiológica começa quando nos aproximamos dos 80 anos, que é a idade média de vida nestes novos tempos.

Khalsa e Stauth (1997) em seu livro “A longevidade do Cérebro”, afirmam que para milhões de pessoas a idade dá vários sinais de degeneração do cérebro, através de lapsos momentâneos de curta ou de grande frequência.

Revelam que há cura e até mesmo como evitar essas doenças degenerativas e nos mostram como fortalecer o nosso cérebro procurando recuperar a concentração, energia e a capacidade de aprendizado, através da boa alimentação, exercícios, novos aprendizados como o uso das novas tecnologias, buscando retardar os efeitos do envelhecimento do cérebro.

Khalsa (1997) cita o Dr. Carl Cotman em seus recentes estudos onde este pesquisador compara os aposentados que passam o dia todo sentados em sofás aos que possuem uma vida ativa. Estes conservam melhor a função cognitiva e o metabolismo cerebral.

Orlandi (2007) com o olhar voltado para a Análise de Discurso, procura responder a como as coisas acontecem e faz uma reflexão entre o sujeito, o discurso e as ciências sociais. Na Análise de Discurso o sujeito da linguagem é afetado pelo real da língua e pelo real da história. Neste processo não há separação entre o emissor e o receptor, pois enquanto um fala o outro não está apenas decodificando, mas sim também fazendo funcionar a linguagem, visando a compreender como os objetos simbólicos produzem sentido.

Pêcheux (2007) fala sobre o sujeito pragmático, isto é, cada um de nós, os “simples particulares” face às diversas urgências de sua vida – que tem por si mesmo uma imperiosa necessidade e homogeneidade lógica. Isto se marca pela multiplicidade de pequenos sistemas lógicos portáteis que vão da gestão cotidiana da existência até as grandes decisões da vida social e afetiva. (Pêcheux, idem).

Neste espaço misturam-se coisas e pessoas, processos técnicos e decisões morais, modo de emprego e escolhas políticas. Desde o simples pedido de informação até o confronto e susceptível de colocar em jogo a bipolarização lógica das proposições enunciáveis para si mesmo e/ ou para os outros, nos diz o autor.

Entretanto, de nada serve negar esta necessidade de aparência universal de um “mundo semanticamente normal”, começando com a relação de cada um com o seu próprio corpo e seus arredores mediatos.

Continua nos dizendo Pêcheux (2007) que essa necessidade de fronteiras coincide com a construção de laços de dependência face às múltiplas “coisas a saber”, consideradas como reservas de conhecimento acumuladas, as “máquinas de saber” contra as ameaças de toda espécie.

As “coisas a saber”, representam assim tudo o que arrisca faltar à felicidade do sujeito pragmático: isto é tudo que o ameaça pelo fato mesmo que isto exista, o fato de que seja real.

Nesse mesmo sentido, é interessante observar a promessa de uma ciência régia tão eficaz quanto às tecnologias materiais e tão onipresente quanto à filosofia e a política. Sobre isso questiona Pêcheux (2007), como a humanidade poderia ter resistido à semelhante pechincha?

As tecnologias de linguagem ocupam hoje, em relação às coisas a saber, esse lugar utópico da eficácia total na comunicação e informação. Estamos de acordo que, hoje, ela faz parte dos avanços tecnológicos e podem trazer benefícios. Mas como qualquer outra linguagem, estas tecnologias têm efeitos reais e muitas ilusões, efeitos imaginários.

Ora, no caso do aprendizado dos recursos tecnológicos, a informática pode prestar uma ajuda aos idosos que fazem uso do computador, pelas possibilidades que oferece. No entanto, também em relação a elas, temos os nossos limites. Isso pode representar um elemento favorável, segundo Orlandi (2010), no processo de socialização do indivíduo.

## 8 ALGUMAS ANÁLISES DA PESQUISA DE CAMPO

Como pontuamos anteriormente, entrevistamos seis (06) sujeitos (alunos) da Terceira Idade, dos quais sou professora de Internet. Portanto eu os conheço de uma convivência profissional assídua e, desta forma, posso explicitar certos fatos que observo em suas respostas a partir dessa convivência. As respostas foram gravadas em formato digital, compiladas e depois transcritas. Através das análises, percebemos pelas respostas, várias posições sujeito, marcadas por movimentos e deslizamentos em diferentes posições que o sujeito ocupa para poder dizer-se.

Percebemos uma forte presença de clichês no corpus analisado quando observamos que os fatos abordados nas perguntas remetem o sujeito a se constituir numa sociedade informatizada ou em buscar sentidos ali investidos que muitas vezes não estão claros. Devido a essa percepção, alguns deles, não encontrando as respostas, usam os clichês.

Segundo Amossy (1998) o termo clichê e estereótipo originou-se na tipografia, quando a imprensa passou a utilizar no século XIX uma nova maneira para produzir publicações em massa com um modelo fixo. Esse procedimento era denominado de clichagem ou estereótipo. Na segunda metade do século XIX o termo clichê foi empregado na fotografia para designar o negativo a partir do qual era possível revelar um número infinito de exemplares. Por analogia na mesma época este termo clichê foi utilizado para designar uma “frase feita” de uso repetido tanto na escrita quanto na fala. (BEZERRA, 2008).

Ainda de acordo com Amossy (1999), da origem tipográfica o termo estereótipo adquiriu o sentido de fixidez significando um conteúdo que se reproduz através dos tempos sem sofrer modificações, ou seja, o enunciador se apropria de frases feitas ou conceitos cristalizados na cultura para se expressar na língua.

Orlandi (2004), a partir da leitura de Amossy (1998), faz uma distinção entre clichê (forma: frase feita) e o lugar comum significando conteúdo: ideia banal. Os lugares comuns são de alcance geral, que integrados ao inventio representam um método de raciocínio além de se tornarem uma reserva de argumentos típicos.

As autoras dizem (apud Orlandi, 2004) que “suas formas vazias (topoi koinoi) se saturam de sentidos, se fixam e se convertem em estereótipos”. Desta forma, a

expressão comum do pensamento burguês é ligada a sentenças feitas, tais como as encontradas nas análises das respostas das entrevistas que apresentaremos a seguir. Entre elas: “porque faz bem para a memória”, “para manter o cérebro ocupado e porque é muito atual” ou “ porque é a ciência da atualidade”.

Segundo Orlandi (2004), o estereótipo no sentido de fórmula fixa se torna o centro de interesse das ciências sociais o que pode ser percebido quando a chamada Terceira Idade procura aprender as novas tecnologias. Isto porque a entrada da Internet na vida social produz um impulso em nossa sociedade em valorizá-la como consumo e isso, no senso comum, vai tomando vários espaços e produzindo sentidos em grupos diferentes da população.

No caso da Terceira Idade, encontra-se um terreno fértil para esses estereótipos, já que existe toda uma posição assistencialista e fundada no discurso da autoestima, do sentir-se útil e participativo que vai aparecer continuamente no discurso desta população.

Trata-se de uma formação discursiva que se endereça aos mais velhos, a chamada Terceira Idade, significando-os, criando-lhes necessidades e expectativas que, em geral, nem são cumpridas.

Voltemos, pois, ao nosso corpus sabendo que das 18 questões, três respostas foram escritas diretamente no computador para testar o desempenho e a familiarização dos sujeitos com a máquina. As questões que foram escritas no computador são: 05 p. 59; 06 p. 59 e a 12 p. 60.

Para especificar na análise o sujeito e a pergunta, usaremos abreviações como, por exemplo: S1; P 01 (S1= SUJEITO 1; P 01= PERGUNTA 01). Em anexo, no final, encontram-se as entrevistas em sua transcrição mais inteira.

Para especificar na análise o sujeito e a pergunta, usaremos abreviações como, por exemplo: S1; P 01 (S1= SUJEITO 1; P 01= PERGUNTA 01). Em anexo, no final, encontram-se as transcrições completas das entrevistas.

S01; P01

01-Quantos anos você tem? Qual é a sua escolaridade?

Resp. “Tenho 79 anos. Na minha época era...era, espera aí não vai escrever, chamava curso normal e não tinha ginásio, ainda não tinha ginásio, aí quando a escola implantou

o ginásio entrava o inglês, como ninguém tinha inglês era só o francês... então eu fiz até o segundo normal, ficou faltando só o terceiro normal. Era assim: o que correspondia ao ginásio era o primeiro de adaptação, segundo de adaptação, depois primeiro normal, segundo normal, e o terceiro normal era só prática de dar aulas. Eu cheguei a dar aulas. Aí veio a reforma e quase todo mundo saiu”.

### Análise

Observamos que este sujeito não consegue se significar no presente e vive mergulhada no passado, quando diz: “era..era..” pela repetição observa-se uma ruptura discursiva seguida de um enunciado que é “sui referencial” (AUTHIER, 1990) “espera aí”. Esta ruptura se dá por que o sujeito que está falando com a expressão fixa “na minha época” seguida de um verbo no imperfeito (era) = percebe estar se situando no passado e interrompe o fluxo discursivo. Este “na minha época”, refere o sujeito ao seu tempo imaginário (antigo), que, no entanto, está fortemente presentificado nele. Este é um problema que na Análise de Discurso toca a questão da “dêixis discursiva” (eu – aqui - agora). Isso nos mostra que há neste sujeito uma tensão entre o que ele considera o seu tempo e a atualidade, que é significada pela informática. O que segue em sua fala são justificativas. É importante observar a sua referência ao inglês como não existência no currículo escolar da sua época. Novamente ele aponta aí a distância entre a sua época e a época das tecnologias de que a informática é o representante mais vinculado ao inglês. Tudo isso nos mostra a supervalorização, em seu imaginário, que é reforçado socialmente, da importância para entrar no mundo atual, moderno, da informática.

O sujeito está mergulhado na falta e isso o imobiliza diante do que tem que trabalhar para chegar ao domínio da informática.

...” como não tinha inglês era só o francês... então”... percebe-se uma ruptura. Essa pessoa faz com que o “então” não ligue ao que vem depois “fiz até o segundo normal”, mas implica o fato de que ela estudou o francês e não o inglês. Como a língua inglesa é emblematicamente a língua da informática ela está se justificando quanto a isso. Em suas falas com o professor de informática, este sujeito, hoje com 80 anos, afirma ainda o seu interesse pelo inglês que estuda todos os dias, pela internet e pelos livros didáticos de inglês que adquiriu nas escolas de idiomas.

Sobre a expressão: “Espera aí não vai escrever”, Authier (1990) nos fala sobre a heterogeneidade mostrada e marcada com vozes com o argumento de autoridade.

Quanto à memória discursiva de que nos fala Pêcheux (1984), coloca-se como condição que dá base para a própria regularização discursiva referente ao passado. Dizer sobre o passado, enunciar o passado, é ainda a forma pela qual o sujeito estacionou naqueles sentidos que seu dizer restringe ao passado.

Estas observações nos remetem à dificuldade desse sujeito em lidar com a atualidade, pois ele não mobiliza sua memória de forma dinâmica, ficando só em uma concepção de passado, de tempo, cronológica.

S02; P01

1- Quantos anos você tem? Qual é a sua escolaridade?

Resp. “Tenho 76 anos, fiz em abril. Ah, bem naquele tempo tinha a primeira série a segunda série até a quarta série, depois o primeiro ginásial. Pode colocar que fiz até a quarta série”.

Análise

Este caso parece inicialmente o mesmo do sujeito 1, pois também se refere ao seu tempo como um tempo distante: “naquele tempo”. Já pela introdução de “pode colocar que fiz” até a quarta série, significando uma realização pessoal ele ter conseguido fazer até a quarta série, mostra uma sua perspectiva positiva do que fez. Na sua relação da sociedade informatizada com o seu passado existe uma ruptura cronologicamente pensada, compondo-se em períodos, indicando sempre a decisão de não ser o que havia sido até então e uma disposição de continuar.

S04; P01

01 - Quantos anos você tem? Qual é a sua escolaridade?

Resp. “Tenho 84 anos, sou a mais velha da sua turma, não é? Fiz o curso normal”.

Análise

Neste caso, as formações imaginárias nos remetem a idéia que ela tem dela mesma, e a idéia que os outros fazem dela, quando diz “sou a mais velha da sua turma, né? Ela antecipa aí o que ela coloca como sendo o que pensam dela.

Com o olhar da Análise de Discurso vamos usar como procedimento de análise esta questão da antecipação, que é a base da argumentação, os não ditos, mas supostos constituídos pelas formações imaginárias e que são sempre carregados de relações de sentidos e de força.

S01; P02

02- Por que você resolveu aprender informática?

Resp. “Por quê? Ah! Para manter o cérebro ocupado, por que eu acho interessante também. Eu acho assim muito atual , muito importante”...

Análise

Este sujeito usou o clichê ao dizer que, se mostrou preocupado com o avanço tecnológico e de não fazer parte do mundo tecnológico “... e também acho muito atual e muito importante”, Quando fala em importante ele se refere em ter prestígio, ser digno de elogios, e de querer receber atenção de todos. Ele usa clichês, usando expressões que todos falam como: muito atual, manter o cérebro ocupado. Ele se coloca na posição de adquirir conhecimentos observando algo por dever moral ou por obrigação. A associação que este sujeito faz com este saber discursivo, estabelece uma dualidade de evoluir na expressão manter o cérebro ocupado, querendo nos dizer que antes de usar o computador o seu cérebro estava falto, privado ou carente de algo, destituído de qualidades positivas e deste conhecimento. Ele diz “eu acho”, mas este “eu” é a voz geral, a do clichê. Ele se deixa dizer pela voz dos outros.

S03; P02

02 - Por que você resolveu aprender informática?

Resp. “Eu estava me sentindo assim, muito por fora de tudo estava muito curiosa para querer aprender”.

Análise

Este discurso que se sente “fora de tudo” aponta para a falta que ele sente em não fazer parte dessa linguagem e de determinadas sensações e de também ter um conhecimento de algo que desconhece, estabelecendo um contato imediato com a realidade que o envolve, ajustando desta maneira os fundamentos empíricos do processo cognitivo que este aprendizado representa para ele.

No entanto, não podemos deixar de observar que a imagem que este sujeito faz de si é de alguém curioso, que tem vontade de aprender, deixando que este saber lhe cause uma inquietação diante do novo.

Quando fala “atual” nos remete a moda, a modernidade em se obter algo presente e de não estar ultrapassado, dentro dessa realidade atual.

S01; P05

05 - Descreva em algumas linhas o que o computador representa para você?

Resp. - “O computador, a princípio, me levou a uma inquietante curiosidade em poder entender, essa linguagem e as pessoas atualizadas e também para despertar a admiração e atenção dos meus netos e sobrinhos. Atualmente não vejo minha vida sem ele, faço inglês e pesquisas pela internet”.

Análise

Este sujeito mais uma vez mostrou-se preocupado e ansioso em entender a informática que ele diz ser próprio das pessoas atualizadas. E quando ele se refere a atualizadas ele se coloca fora e apresenta um sentimento de discriminação de não fazer parte desse contexto, de não ser atual. Ele também reproduz o discurso do senso-comum que é desejar despertar a admiração e atenção das pessoas mais próximas, deixando perceber que este aprendizado simula um estado de vigília e de se colocar em destaque com base na orientação seletiva que este sujeito consegue ter de si mesmo através do uso do computador. Mas isto tudo é o que significava para ele “no princípio”. Mas, depois, ele diz que “atualmente” não vê a sua vida sem o computador pois através dele é que faz seus estudos de inglês (que representa a linguagem da Internet) e desta forma sentir-se mais atual.

No início, o sujeito, sob o olhar do outro, faz a imagem que ele tem de si, a imagem que os outros fazem de mim. Ele se mostra mais uma vez preocupado com a opinião que os outros fazem dele. No entanto, uma vez que ele pratica esta forma de conhecimento, a da informática, ele mesmo deixa de lado sua imagem anterior e se vê como alguém que vive esse conhecimento em seu cotidiano. Já não se submetendo como antes à imagem que o outro faz.

S06; P05

05 - O que representa o computador para você?

Resp. “O computador foi mais um aprendizado em minha vida, um conhecimento dentro da tecnologia que jamais poderia ter. Mudou a minha vida para um melhor entrosamento com meus filhos e amigos que comigo participam deste acontecimento”.

Análise

Este sujeito quando diz “mais um aprendizado” considera que ele já possui muitos conhecimentos e o da informática é mais um que ele aprendeu entre tantos que já adquiriu em sua vida. Quando diz “jamais”, ele quer dizer que sem o computador ele não poderia adquirir este conhecimento e reconhece a importância dessa oportunidade. O fato que nos chama a atenção com relação ao tempo e o discurso que é referido em termos de acontecimento, é a mudança ocorrida no seu relacionamento com os filhos e amigos que participam deste momento histórico – o aprendizado desta nova linguagem – a informática. Ele nos afirma que a sua vida mudou, deslocou-se de uma posição para outra melhor com as qualidades necessárias para satisfazer certos critérios de apreciação e a sua relação com os outros. Mas não coloca esta mudança vinda de fora para dentro, ou seja, para agradar os filhos e netos, mas sim de dentro para fora, eles é que participam com ele desse acontecimento. O acontecimento é dele.

S03; P05

05 - O que o computador representa para você?

Resp. “Para mim está sendo uma coisa maravilhosa. A minha vida ficou muito mais alegre. Sempre estou batendo papo com os meus netos e parentes, enfim nos aproximou muito. Sinto que minhas amigas não estão ligadas ainda na Internet e isso dificulta a nossa aproximação”.

Análise

Este sujeito usou o discurso de sociabilidade. Fez também uma transferência entre os planos, passado e presente, ressaltando que antes deste aprendizado ele se sentia muito distante dos filhos e amigos e que após este aprendizado houve uma aproximação entre ele e os filhos, parentes e amigos. Quando ele fala que a sua vida ficou mais alegre, mostra sua ligação não só com o conhecimento mas com diversão, com a felicidade, o bem estar pessoal. A Internet diminuiu a distância, produzindo um deslizamento, uma mudança de um estado emocional para outro – um estado de alegria e isso nos leva a refletir sobre este aspecto que diz respeito ao emocional na velhice, e suas motivações. Agora ele se posiciona de um lado, como das pessoas que conhece o computador, mostrando o outro lado, dos amigos que ainda estão fora deste aprendizado. Ele faz um movimento do passado (fora) deslizando para o presente (dentro) e lastima os que ainda não entraram para esta forma de conhecimento e de aproximação, pois, pela falta que este conhecimento representa para os seus amigos eles continuam distantes, provocando nele um sentimento de distanciamento.

S04; P05

05 - O que representa o computador para você?

Resp. “Um avanço nos conhecimentos, uma descoberta maravilhosa na minha velhice”.

Análise

Quando este sujeito fala que o computador representa “um avanço nos conhecimentos”, ele quer dizer que antes de conhecer o computador este sujeito não estava numa posição de vazio. O que aconteceu é que ele avançou em seus conhecimentos. E após ter obtido este acréscimo de conhecimento ele descobriu uma nova perspectiva para a sua vida. Ele fala em descoberta como representação de uma ação, um processo ou efeito de revelar a si próprio, e ou às pessoas em geral alguma coisa de que, até então, não se sabia ou que se achava escondida. Uma descoberta é sempre algo prazeroso e transformador.

S06; P05

O5- O que representa o computador para você?

Resp- “Representa a facilidade em preencher um documento, passar na impressora o trabalho que fica apresentável, parece impresso em gráfica”.

Sua filha pediu a palavra: - “Posso falar Lys - Sandra, o papai se desligou completamente do computador, completamente, não é papai”?

O sujeito tomou novamente a palavra e disse: - “eu observo na computação o seguinte, na verdade profissionalmente eu não tinha necessidade realmente em mexer no computador, as minhas aulas são práticas com os alunos, né. Eu não faço provas, é tudo prática... Eu observo o seguinte nas pessoas de idade, existem dois tipos de pessoas, umas gostam de computador e outros não gostam, a maioria gosta, a minoria não se ajeita. Eu sei... as possibilidades do computador, eu acho uma necessidade, apenas acho que a gente fica retrógada quando não mexe no computador. Todo mundo mexe, todo mundo abre e-mails, quando não mexe a pessoa fica por fora como eu”.

Análise

Para este sujeito, o sentido do que representa usar o computador, pode ser qualquer um, mas não é. Depende das condições de produção. Não é fácil decidir qual o sentido que está inscrito em seu discurso. Há sempre uma possível significação diferente. Ele faz um deslocamento o tempo todo. Em alguns momentos ele diz ser importante usar a informática, e em outras vezes ele diz não saber usar o computador, produzindo de certa forma, um deslizamento de sentidos. Ao dizer algo, diz de certa maneira e não de outra. São formulações possíveis para aquele dizer, por estar investido de um processo ideológico. Desta forma, este sujeito fica no entremeio do saber e do ser “retrógado” que está no final quando ele nos dá o que significa para ele: sentir-se fora. Mas se observarmos o que ele diz em sua oscilação, é a relação posta por ele, entre o que significa para ele e o que significa aos olhos da filha que, por sua vez, tem uma imagem do pai como alguém que tem de aprender a usar o computador. Ele diz que “profissionalmente” não lhe faz falta. Que seus documentos ficam melhores impressos, mas não faz falta. Analisa as pessoas de idade e caracteriza-as como sendo de dois tipos: as que têm facilidade e as que não têm. E se coloca como “retrógado”, já que não

satisfaz a imagem dos que acham que todo velho deve saber usar computador. Sua fala parte da importância dele ter sua atividade profissional.

Percebemos também em seu discurso que ele usa a palavra “velho” quando se refere às pessoas que possuem mais idade e pelo que vimos no capítulo 2, há uma grande diferença entre ser velho e idoso e apesar de ele ser muito articulado, com 86 anos ainda trabalhar, ele se considera velho, não idoso .

S03; P06

06 - Fale sobre a importância de usar a internet.

Resp. “Ah, é muito importante, para mim assim, foi uma luz que abriu, assim eu pensava que nunca ia conseguir e consegui, através de você amiga (eu professora de informática) eu adoro quando penso nisso, você foi como um anjo da guarda para mim. As pessoas que eu não podia ver e não tinha contato nenhum, só por telefone de vez em quando, agora posso falar toda hora”.

Análise

Este sujeito faz uma analogia entre a Internet comparando-a a “uma luz que se abriu” e também “para ver as pessoas que não era possível encontrar”.

Ele se refere à luz como uma nova perspectiva para enxergar “através de”... representando uma idéia que ilumina a mente; uma intuição da verdade; um esclarecimento ou uma elucidação e complementa dizendo que através da Internet, “posso falar toda hora”. Antes ela não falava sempre com os seus parentes e amigos, como se existisse um impedimento de ordem social ou econômica. Ele diz que nunca ia conseguir, porque esta realidade estava muito distante da realidade em que ele vivia, não tendo acesso a nenhum tipo de tecnologia. Este aprendizado representou para ele uma libertação. E também estabelece uma relação com sua mediadora: “amiga”, “anjo”, a pessoa que possibilitou esta luz, esta mudança de vida.

O sujeito usou a expressão: luz para ver.

S04; P02

02 - Por que você resolveu aprender informática?

Resp. “Para que fosse uma boa distração na minha velhice e conversar com os meus filhos e netos”.

Análise

Este sujeito rompeu de certo modo com estereótipo, ou seja ele vê a informática como uma distração para a sua velhice, estado de quem está absorto, com o espírito distante; e diz que esta experiência é boa e agradável e diz que o computador permite um melhor entrosamento com os seus filhos e netos. Ele não vê o computador só como uma ferramenta de trabalho, pesquisa ou por que todo mundo usa. A informática aparece como uma companhia (uma distração boa).

S04; P10

10 - Costuma falar através do Skype? Como este serviço facilitou a sua vida?

Resp. “Falo muito, todos os dias. E isso me dá muita satisfação em conversar com as pessoas que me são caras”.

Análise

O discurso desse sujeito é muito articulado, tem 85 anos e isso não foi empecilho para usar esta tecnologia, rompeu todas as barreiras e fala todos os dias no Skype com as pessoas de que gosta e isso representa uma evolução e uma nova forma de socializar-se, de comunicar-se. Não são todos os sujeitos desta idade que se adéquam a usar esta tecnologia para falar no lugar do telefone. O skype representou o primeiro interesse e aprendizado deste sujeito ao aprender informática. Vemos que não é a idade que determina ou não o uso desses instrumentos que são muitas vezes considerados mais difíceis. Mas certa disposição para dominar diferentes instrumentos em não se contentar com o uso da mais popular: a Internet.

S04; P17

17 - Sente que após ter aprendido a usar o computador você tem mais confiança em acessar os serviços bancários ou em viagens?

Resp. “Vou muito aos bancos e não tenho dificuldades. Em viagens, peço para os meus filhos”.

Análise

Este sujeito mais uma vez mostra liberdade de ação frente ao instrumento. Ele é muito articulado e está acostumado a resolver as suas próprias necessidades: mora sozinho, resolve os seus problemas bancários e pessoais e não tem dificuldades e só pede ajuda se houver necessidade, caso contrário não, ele preza a sua individualidade. Podemos dizer que a relação dele com ele mesmo é pouco atravessada pelos discursos da modernidade que circulam e estão disponíveis encaixando os sujeitos em suas molduras. Esse sujeito não se deixa encaixar, por assim dizer.

S05- P02

2 - Por que você resolveu aprender informática?

Resp- “Porque é a ciência da atualidade”.

Análise

Este sujeito usa também o clichê quando fala: “ciência da atualidade”. Mas prestigia um discurso atual, científico. Ele deseja estar atualizado e quer adquirir em sua forma plena, manifestar e despertar todas as suas potencialidades, com o aprendizado das novas tecnologias. Mas não repete os clichês do tipo, é muito importante, permite se aproximar dos filhos e netos, ele fala sobre algo mais geral: “ciência da atualidade”.

06; P02

02 - Por que você resolveu aprender informática?

Resp. “É... primeiro o seguinte, eu ganhei um computador e achei que tendo o computador eu tinha que aprimorar, aprender as técnicas da computação, entrar na modernidade”.

Análise

Este sujeito foi induzido a aprender a usar o computador, porque ganhou uma máquina e a partir daí colocou-se na posição de quem tinha que se aprimorar, aprender as técnicas e, em consequência, entrar na modernidade. Mas realmente ele ficou muito na superficialidade e não conseguiu aprender a usar o computador. Não chegou a assimilar este aprendizado. Durante a sua entrevista ele deixa marcas que transparecem esta falta. Este aprendizado não teve uma representação positiva, apesar de ele reconhecer que é importante usar o computador. Ele conheceu, mas optou em não usá-lo. Ter o computador, portanto, não é suficiente para que o sujeito entre realmente no seu discurso, na sua prática, na elaboração de seus sentidos.

S06; P05

05- Descreva em algumas linhas, o que representa o computador para você.

Resp- Representa a facilidade em preencher um documento, passar na impressora o trabalho que fica apresentável, parece impresso em gráfica.

Análise

Ele tem uma visão profissional do computador quando se refere à impressão dos trabalhos iguais os de uma gráfica, mas não sabe usar. Na realidade, como já é um profissional habituado a seus instrumentos, não se interessa por este novo instrumento. Mantém seus hábitos de trabalho. A profissão é um forte elemento da identidade. Nela, o sujeito resiste.

S06; P07

07 - Quais eram os hábitos de vida antes de aprender o computador?

Resp -“ Os meus hábitos de vida não mudaram”.

Análise

O discurso deste sujeito afirma que os seus “hábitos de vida não mudaram”, por que, mesmo tendo feito as aulas de informática, ele decidiu em não fazer parte deste mundo cibernético. Assimilou alguns conteúdos. Mas apesar disso a sua vida não mudou, continua sendo como sempre foi, pois não se aprofundou nesse aprendizado, manteve sua rotina.

## 9 CONCLUSÃO

Constata-se uma reorganização dos sujeitos no ciberespaço, mediante o paradigma da sociedade da informação, onde se estabelecem processos de individualização do sujeito que têm suas particularidades. Nesse sentido há uma reorganização do trabalho da interpretação e efeitos sobre a forma de autoria e do efeito leitor na relação com a linguagem (ORLANDI, 2002).

Considerando os espaços investidos de sentidos, os sujeitos da Terceira Idade afetados pelo espaço digital, representam o corpus de nossa pesquisa.

Analisando o tema do trabalho “O discurso da Terceira Idade frente a Internet”, verificamos que há uma tensão entre o velho e o novo que desliza o tempo todo.

Na questão **velho** – o teclado é comparado ao da máquina de escrever que muitos usaram quando jovens. No computador ele não escreve, ele clica. Desta forma, o sujeito tem que se resignificar o tempo todo e é nesta tensão que produz o sentido. Ele tem que se deslocar entre o ser e o saber, entre o que ele é (**o velho**) e o que precisa saber (**o novo**), mesmo que ele rejeite este novo, como é o caso do S06.

Existe também a questão da polissemia: do S01, quando diz, não é o francês e sim o inglês. O francês representa o **velho** e o inglês representa o **novo**, a tecnologia. Percebemos que também tem um “jogo” que é da ordem da polissemia, que é o velho que diz respeito ao instrumento, o antigo (a máquina de escrever, o francês, o telefone, o caderno), e o novo que diz respeito à juventude.

Percebemos isso quando o S02 relata que escreve um livro, ele tinha tudo escrito em cadernos e quando ele coloca no digital isso produz sentido para ele.

Em qualquer momento da história as formas sociais da divisão e da segregação vão encontrar alguma coisa para dividir entre o novo e o velho, é o domínio das novas tecnologias que é produzido socialmente.

Desta forma que sentido tem a aproximação feita pela Internet?

Para os idosos tem um sentido e para os filhos, os netos os sentidos são outros, pois estes cresceram tendo contato com a tecnologia.

O que ele aprende é a partir da resignificação de algo que já é dele: como responde o S05 na pergunta: - você passa e-mail? - passo e respondo e escrevo cartinhas para as minhas filhas, ( passo e respondo – NOVO) o [e] (funciona como uma adversativa), (escrevo cartinhas para minhas filhas – VELHO).

O S02 – diz que teve dificuldades com o mouse mas com o teclado até que não, pois havia aprendido datilografia. O [até] funciona como uma mudança de posição, que para ele representa um conhecimento.

O S04 diz que até deixou o jogo de baralho (velho), para jogar no computador (novo).

Concluindo, percebemos um traço comum entre os sujeitos entrevistados: quase todos possuem uma formação profissional. As idades dos sujeitos são diferentes, assim como os objetivos que os levaram a aprender esta nova linguagem, a da tecnologia.

Apenas um sujeito sentiu dificuldades com o teclado, (S03); dois sujeitos sentiram dificuldades com o manuseio do mouse (S02; S06) e três sujeitos não sentiram nenhuma dificuldade (S01; S04; S06). De todos os entrevistados apenas um não se interessou em usar o computador, (S06) mesmo tendo tomado conhecimento desta linguagem, fazendo um deslocamento o tempo todo, havendo sempre uma significação diferente, produzindo um deslizamento entre usar e não usar o computador.

Outro sujeito entrevistado achou que este aprendizado representa uma distração para a sua velhice. (S04)

Somente o suj. 04 usa o Skype e todos recebem e-mails, mas apenas um responde aos e-mails recebidos. Isto nos mostra uma particularidade em suas relações com os outros da sociedade: desmentem de certo modo de que estão isolados por não ter domínio da internet, pois, quando têm tecnicamente possibilidade de acesso, não respondem os e-mails.

É comum observar as pessoas idosas, pressionadas pelo imaginário da modernidade e pelos familiares, aderirem à modernidade e julgarem importante e atual usar todos os meios para facilitar a locomoção e a vida. Isto ocorre devido à insegurança que eles sentem diante da expectativa criada em torno de eles frente ao novo, ou seja, de usar as facilidades que a tecnologia oferece. Outros, ainda que inicialmente sejam “empurrados” por estes discursos que circulam pelo senso comum, acabam se colocando realmente na relação com essa nova linguagem, a linguagem metálica e tiram grandes proveitos disso.

Nessa pesquisa, somente um dos entrevistados manifestou explicitamente não gostar de mudar a sua rotina e prefere cumprir os compromissos do dia a dia da forma tradicional tais como: fazer os serviços bancários, ir às compras não utilizando os

serviços on line disponíveis (S06). Isto pode ocorrer devido à insegurança que sente diante do novo.

Todos os sujeitos entrevistados sentem que após este aprendizado houve uma aproximação com os seus filhos, netos e amigos. Mas isto também é uma boa pista para compreendermos a direção em que funciona o olhar deles e o olhar dos outros. A maior parte dos entrevistados se deixa significar pelo olhar do outro, fazendo a imagem de si segundo a imagem que os outros fazem dele. No entanto, mais de um dos entrevistados se apropria realmente do que lhe é oferecido e traz para si o que os outros colocam como expectativa. É o caso de uma entrevistada, por exemplo, que na aproximação com a família, aproveita para abastecer-se de fatos que transforma em enredo de seu livro. Sua autoestima tão cantada pelo discurso da modernidade, não vem pela submissão aos outros, mas a partir de sua experiência de vida em relação ao que os outros oferecem. Ou de outra entrevistada que diz que isto representa “mais” conhecimento, ou seja, ela não se julga vazia de conhecimento.

Portanto, se pensamos no mecanismo de antecipação de que fala Pêcheux (1995), sabemos que são diferentes as formas dos sujeitos se identificarem frente ao uso da Internet.

Abordando sobre os anexos, a aluna Zilda (ANEXO II) externou toda a sua emoção em estar inserida no ciberespaço. A sua vida mudou para melhor, agora pode falar com a sua família que mora distante.

Antes de conhecer esta linguagem a aluna comparava o computador ao “bicho papão”, pois tinha receio de apertar alguma tecla errada e estragar o computador. Mas com o tempo adquiriu confiança em usar esta tecnologia. Ela afirma que durante as aulas faz questão de anotar tudo que aprende para depois praticar em casa. Este sujeito se sente apto para navegar na internet, digitar textos, enviar e receber e-mails, realizar pesquisas na Internet, ouvir músicas e conversar pelo MSN. Possui Orkut, facebook e adora ver as fotos dos netos que estão longe nos sites de relacionamentos.

O que fica aqui claro é a não-coincidência entre as palavras e as coisas. Authier Revuz (1998), deixa transparecer que no discurso pedagógico as não coincidências do discurso consigo mesmo, no qual toda a palavra por se produzir em meio ao já dito, é habitada pelo discurso do outro. Para ela as palavras são “porosas” carregadas de outros discursos, neste caso por um discurso midiático.

Podemos apreciar também no ANEXO II, que a aluna Zilda expõe as suas obras no site de relacionamento Orkut e recebe encomendas de quadros através do site.

Desta vez, um sujeito da Terceira Idade, após ter aprendido a linguagem da Internet a usa profissionalmente através da exposição de suas obras de arte.

No ANEXO III, observamos que a aluna Lourdes Dias há muito tempo acalentava o desejo de escrever um livro sobre a sua vida, tanto que esses escritos ela já os rascunhava em vários cadernos e em pedaços de papéis, enquanto tinha o desejo de um dia realizar este sonho.

Este sujeito aplicou os conhecimentos adquiridos nas aulas de informática, para digitar o seu livro, não um livro qualquer, mas um belo livro que fala sobre a sua vida, representando a memória viva de suas recordações como um resultado de experiências já vividas. Neste livro ela inseriu, além da sua história, documentos fotográficos, poesias de sua autoria e escritos de seus amigos e netos. É interessante observar quando ela se refere a sua idade cronológica, ela se coloca num mesmo nível de linguagem dos seus netos. A tecnologia a ajudou a renovar dia a dia os seus conhecimentos. Este sujeito é um exemplo de força de vontade e de determinação.

Para concluir, é importante observar que os sujeitos analisados representam uma seleta camada da sociedade, que dispõe de todos os recursos necessários, assim como, um ambiente propício para que ocorra este aprendizado. Ao contrário de pessoas despossuídas e pobres de informação que representam uma grande parcela da sociedade. Para estes, está reservado o lugar do não conhecimento e do isolamento social e do abandono.

Ministrando aulas de informática para a Terceira Idade, tivemos a oportunidade de conviver com sujeitos analfabetos que apresentaram dificuldades tanto em assimilar os conteúdos das aulas, quanto de não apresentarem condições de adquirir os equipamentos, para facilitar a sua acessibilidade. Portanto, é necessária uma preocupação com o envelhecimento de maneira mais adequada, e que exista um processo comum a todos.

Entendemos que o envelhecimento da população traz implicações de grandes proporções ligadas à economia, gerontologia e à sociabilidade.

## 10 BIBLIOGRAFIA

- ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.
- ALCOFORADO, Fernando. **Globalização**. São Paulo: Nobel, 1997.
- AMOSSY, R. et al **Stereotypes et clichés**. Paris: Nathan, 1998.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidades enunciativas. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, nº 19, p. 25-27. Campinas: Unicamp, 1990.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: as não coincidências do dizer. Campinas: Unicamp, 1998.
- ANTUNES, Celso. **A memória**: como os estudos sobre o funcionamento da BASSIT, Ana Zahira. O curso de vida como perspectiva de análise da mente nos ajudam a melhorá-la. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BENVENISTE, Émile. **Estrutura das relações de pessoa no verbo**: problemas de lingüística geral I. Campinas, SP: Pontes, 1991.
- BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória**: de Senectute e outros escritos autobiográficos. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BEZERRA, M. F. Ethos, **Esteriótipos e Clichês**: moda e argumentação . persuasiva. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Literatura Francesa) – Universidade São Paulo, São Paulo: 2008.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- CORAZZA Maria Alice. **Terceira Idade e atividade física**. São Paulo: .Phorte Editora Ltda, 2001, 2006.
- CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1982.
- DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: EDUSP/ FAPESP, 1999.
- DIAS, Cristiane – A discursividade da rede (de sentido): a sala de bate-papo. Tese de doutorado. Área de lingüística, Análise de Discurso, Unicamp, Campinas, 2004.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **A Ciranda dos Sentidos**. In: ROMÃO Lucília SOUZA, Maria. **Discursos Mediático**: sentidos de memória e arquivo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.
- FIORI, José Luiz. **Globalização: o fato e o mito**. Rio de Janeiro. EDUERJ. 1998.

Freire, Sérgio. **A memória discursiva ou interdiscurso**. artigo 04/ 02/ 2009 (verificar dados sobre a revista)

FREITAS, M C. **Perspectivas das Pesquisas em Gerontologia e Geriatria**: revisão da literatura. **Rev Latino-am Enfermagem** 2002 março-abril; 10(2):221-8

Disponível no site: [www.eerp.usp.br/rlaenf](http://www.eerp.usp.br/rlaenf)

GOLDSTEIN, D. **Políticas do corpo e o curso da vida**. São Paulo: Mandarim, 2000.

GROISMAN, Daniel. **A velhice, entre o normal e o patológico**. Mimeo. No prelo.1999.

KHAKSA, Dharma Singh; STAUTH, Cameron. **Longevidade do cérebro**: um programa revolucionário que aprimora a mente e a memória. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

LEVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Ed. 34,1996.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Coleção Trans. 1999.

LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Coleção Trans.1993

LIMA, Alfran Oliveira. **Descarte da experiência profissional**. Dissertação (Mestrado em Qualidade) – Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica, Unicamp, Campinas, 2001.

LORDA, C. RAUL. **Recreação na terceira idade**. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

\_\_\_\_. **Velhice e história: perspectivas teóricas**. **Cadernos do IPUB**, v.1, n.10, p. 43-56, 1999.

MALDIDIER, D. (2003). **A inquietação do discurso: (Re)ler Michel Pecheux hoje**. Campinas: Pontes, 2003.

NASCIMENTO, Jorge R. **Aprenda a curtir seus anos dourados**: um manual que ensina a envelhecer sem envelhecer. Petrópolis: Ed Vozes, 1997.

NEGROPONTE. Nicholas. **Ávida digital**. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e Procedimentos. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni P. **As formas de silêncio**: o movimento dos sentidos. Campinas: Unicamp, 1993

ORLANDI Eni P. **Cidade dos sentidos**. Campinas. SP. Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto**: formulação e Circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas: Pontes, 2004.

- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Linguagem e tecnologia da informação**. Campinas, Labeurb/Unicamp, 2009.
- ORLANDI, Eni P. Artigo: **Tecnologia da linguagem**: um novo funcionamento. 2010.
- PAYER, M. Onice. **Memória da língua**- imigração e nacionalidade. Campinas, SP: IEL Unicamp, 1999.
- PÊCHEUX, Michel. **Role de La mémoire**. In: ACHARD, P. et al. (org) **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, Michel. **O Discurso**: Estrutura ou Acontecimento. Campinas: Pontes, 2007.
- PECHÊUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do obvio. Tradução Eni Puccinelli Orlandi.. Campinas: Unicamp. 1995.
- ROMÃO, Lucília M Souza. **Discursos Midiáticos**: sentidos de memória de arquivo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.
- Orlandi, P. E **Autoria, leitura e efeito do trabalho simbólico**. Pontes, 2004.
- SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus. 2004.
- SARGENTINI, V. M.O. **O arquivo e a construção de memórias**: o caso do apagão. In: ROMÃO Lucília Maria de Souza. **Discursos Mediático**: sentidos de memória e arquivo. São Paulo: Pedro & João Editores, 2008
- SÉ, Elissandra V. Gasparetto. **Exercite sua mente**: linguagem e raciocínio. São Paulo: Prestígio, 2005.
- TURBAN, E. et al. **Administração de Tecnologia da informação**: Teoria e Prática. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2003
- VIEIRA, A.C.G. (coord.). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil**: TIC domicílios e TIC empresas 2009. São Paulo: Comitê Gestor da Internet Brasil, 2010.
- <http://sites.google.com/site/historiasobreossitesdebusca/historia-da-internet/tudo-sobre-internet/arpanet> - acesso em: dia 1/11/2010.

## 11 ANEXO I

### **Pesquisa de campo com os sujeitos da Terceira Idade.**

Sujeito 01-

01 - Quantos anos você tem? Qual é a sua escolaridade.

Resp. “Tenho 79 anos. Na minha época era...era, espera aí não vai escrever, chamava curso normal e não tinha ginásio, ainda não tinha ginásio, aí quando a escola implantou o ginásio entrava o inglês, como ninguém tinha inglês era só o francês... então eu fiz até o segundo normal, ficou faltando só o terceiro normal. Era assim: o que correspondia ao ginásio era o primeiro de adaptação, segundo de adaptação, depois primeiro normal, segundo normal, e o terceiro normal era só prática de dar aulas, eu cheguei a dar aulas. Aí veio a reforma e quase todo mundo saiu”.

02 - Por que você resolveu aprender informática?

Resp. “Por quê? Ah! Para manter o cérebro ocupado, por que eu acho interessante também. Eu acho assim muito atual, muito importante...”

03 - No início você sentiu alguma dificuldade com o manuseio do mouse ou teclado? E se sentiu, qual foi essa dificuldade?

Resp. “Não, não, não”.

04 - Qual é o programa no computador com que você mais se identifica?

Resp. “Internet. O Word é o que? É o editor de texto (expliquei) ah eu escrevi a minha viagem! Não, para mim depende pelo o que eu esteja precisando no momento. Acho todas as tarefas interessantes”.

05 - Descreva em algumas linhas, o que o computador representa para você?

Resp. - Digitada no computador pelo sujeito 01, o mesmo levou 35 minutos para concluir o seu texto. Este, escrevia e apagava, buscando palavras mais certas que traduzisse o que realmente pensa:

“O computador, a principio, me levou a uma inquietante curiosidade em poder entender, essa linguagem e as pessoas atualizadas e também para despertar a admiração e atenção dos meus netos e sobrinhos. Atualmente não vejo minha vida sem ele, faço inglês e pesquisas pela Internet”.

06 - Fale sobre a importância de usar a Internet.

Resp. “Importante é eu não me sentir tão por fora estar tão alheia aos assuntos que hoje é comum entre os mais jovens entre a família”.

07 - Quais eram os hábitos de vida antes de aprender o computador?

Resp. “Era... era... os meus hábitos de vida, era...tarefas do lar e o estudo de piano. Agora leitura não, eu não gosto de ler. Para mim se você quiser que eu fale eu falo não tem importância, dizer que eu adoro ler! Eu sou igual ao Hitler, gostaria de fazer uma fogueira com os livros. Hitler fez uma fogueira na guerra. Agora, jornal eu gosto de ler”.

08 - Você possui e-mail? Tem o hábito de passar e receber e-mail?

Resp. “Sim. Sim tenho hábito de passar e-mail”.

09 - Possui muitos contatos no MSN? Qual é o horário que costuma acessá-lo?

Resp. “Sim, tenho MSN... é conversar ao mesmo tempo? Faz muito tempo que não entro; há muito tempo— tenho bastante contato - Horário? À tarde”.  
(horário que ela entra para conversar).

10 - Costuma falar através do Skype? Como este serviço facilitou a sua vida?

Resp. “Skype? Precisa daquele aparelhinho? – Não”.

11 - Como está o seu relacionamento com amigos ou filhos após ter aprendido a usar o computador?

Resp. “Está muito mais rápida e fácil a comunicação com os filhos, a qualquer momento. O relacionamento com os netos melhorou, o que era bom ficou melhor. Passo mensagens para eles, eles mandam fotos. Os sobrinhos e irmãos. Os filhos ficaram muito contentes que eu tivesse aprendido usar o computador”.

12 - Narrar algum fato ocorrido com amigos ou com alguém da família, relacionado com o computador.

Resp. “Pelo computador eu descobri o e-mail de um irmão que não via há muito tempo. E depois disso trocamos mensagens. Eu vi o nome dele e perguntei: - Você é o Arnaldo que estou pensando? Ele respondeu: - sou eu mesmo. Aí eu pedi uma prova. Aí ele forneceu o endereço e outros dados pessoais”.

13 - Qual é a sua opinião sobre as salas de bate papo?

Resp. “A minha opinião é que achei um tanto assim incrédulo, a gente não confia muito no que a outra pessoa diz”.

“Uma vez entrei numa sala de bate papo e um senhor perguntou a minha idade , eu disse 72 e ele disse que tinha 52 e ele não acreditou na minha resposta. Então eu parei, ele até falou que me achou muito interessante, minha neta achou muito engraçado ele ter falado isso”.

14 - Você usa serviços bancários através do computador? E em viagens?

Resp. “Serviços bancários não. Em viagens sim”.

15 - Você faz pesquisa na Internet? Qual é o site que você acessa para fazer as suas pesquisas?

Resp. “Eu não sei o que é site? (Este sujeito se esqueceu o significado da palavra site) Lembrei-lhe o que é site, aí ela disse: - “o site que eu mais pesquiso é o Google. Pesquiso às vezes”.

16 - Você ouve músicas ou assiste clips pelo computador? Qual o site que você mais acessa?

Resp. “Sim, no Youtube assisto clips. O Kboing acesso para ouvir música e pegar letras de músicas em inglês”.

17- Sente que após ter aprendido a usar o computador você tem mais confiança em acessar os serviços bancários ou em viagens?

Resp. “Sim, principalmente em viagens”.

18- Gosta de jogar no computador? Se sim, qual o jogo que você mais joga?

Resp.” Nunca. Nunca joguei. Ainda não”.

Sujeito 02 –

1 - Quantos anos você tem? Qual é a sua escolaridade?

Resp. “Tenho 76 anos, fiz em abril. Ah bem, naquele tempo tinha a primeira série a segunda série até a quarta série, depois o primeiro ginásial. Pode colocar que fiz até a quarta série”.

2 - Por que você resolveu aprender informática?

Resp. “Para ter um conhecimento a mais na vida, para acompanhar um pouco a evolução e para dialogar com os netos”.

3 - No início você sentiu alguma dificuldade com o manuseio do mouse ou teclado? E se sentiu, qual foi essa dificuldade?

Resp. “Ah, senti dificuldade com o mouse, mas com o tempo fui evoluindo, né? Com o teclado até que não porque eu tinha aula de datilografia e aí facilita”.

4 - Qual o programa no computador com que você mais se identifica?

Resp. “É a internet, acho que é a internet, porque eu procuro conhecimentos, e o que eu vou procurar na internet... eu vou pôr ... trabalhos de artesanato mesmo, por exemplo patchwork, crochê, e... pesquisar sobre escritores que eu gosto... também gosto de digitar, aí é o Word, né?. Até digitei o meu livro. Até procurei na internet sobre como escrever um livro!”

5 - Descreva em algumas linhas, o que representa o computador para você.

Resp. “O computador foi mais um aprendizado em minha vida, um conhecimento dentro da tecnologia que jamais poderia ter. Mudou a minha vida para um melhor entrosamento com meus filhos e amigos que comigo participam deste acontecimento”.

6 - Fale sobre a importância de usar a internet.

Resp. “Importâncias são muitas... eu acho até que eu exploro pouco a internet, porque ela toma muito tempo, porque quando você entra na internet é difícil sair né? Eu gosto de procurar muita coisa então eu acho que o tempo passa muito rápido na internet, né”?

7 - Quais eram os hábitos de vida antes de aprender o computador?

Resp. “Sempre tive uma vida muito ativa, né, gostava de mexer, costurar, fazer crochê, então, eu acho, até me incentivou até dentro desta área. Eu gosto também dos recados no orkut”.

8- Você possui e-mail? Tem o hábito de passar e receber e-mail?

Resp. “Tenho e-mail e orkut e o MSN. Só que o meu MSN a senha está errada sabe... não consigo entrar”.

9- Possui muitos contatos no MSN? Qual é o horário que costuma acessá-lo?

Resp. “Eu recebo e-mail, mas o difícil é eu responder porque às vezes eu não acho hora. Geralmente à noite quando entro na internet fico procurando outras coisas e o e-mail eu deixo de responder. O MSN uso pouco é mais Orkut e e-mail”.

10- Costuma falar através do Skype? Como este serviço facilitou a sua vida?

Resp. “Não”.

11- Como está o seu relacionamento com amigos ou filhos após ter aprendido a usar o computador?

Resp. “Eu tenho mais diálogo e perguntas que eu faço das coisas que não sei e os netos às vezes me ensinam alguma coisa que eu quero aprender a mais. Houve mais entrosamento com os filhos e com os netos”.

12- Narrar algum fato ocorrido com amigos ou com alguém da família, relacionado com o computador.

Resp. “Dentro do meu livro... eu convidei amigos pela internet que mandassem mensagens para publicar no meu livro e recebi umas mensagens de SP. Santos (da minha professora primária) que coloquei no livro”.

13 - Qual é a sua opinião sobre as salas de bate papo?

Resp. “Não uso”.

14 - Você usa serviços bancários através do computador? E em viagens?

Resp. “Pouco, já usei, mas hoje não estou usando a conselho de meus filhos que tiraram...”

15 - Você faz pesquisa na internet? Qual é o site que você acessa para fazer as suas pesquisas?

Resp. “Em viagens eu consultei o cartão visa pela TAM, para adquirir e ver os bônus que tinha”.

16 - Você ouve músicas ou assiste a clips pelo computador? Qual é o site que você mais acessa.

Resp. “Não uso muito, não sei”.

17 - Sente que após ter aprendido a usar o computador você tem mais confiança em acessar os serviços bancários ou em viagens?

Resp. “Hoje tenho mais confiança sim. Em viagens... quase não tenho viajado depois de ter aprendido”.

18 - Gosta de jogar no computador? Se sim, qual é o jogo que mais joga.

Resp.” Não costumo jogar no computador”.

## Sujeito 03

1 - Quantos anos você tem? Qual é a sua escolaridade?

Resp. “Eu? 65 anos. A escolaridade é... eu estudei até o terceiro ano ginasial”.

2 - Por que você resolveu aprender informática?

Resp. “Eu estava me sentindo assim, muito por fora de tudo estava muito curioso para querer aprender”.

3 - No início você sentiu alguma dificuldade com o manuseio do mouse ou teclado? E se sentiu, qual foi essa dificuldade?

Resp. “Bastante, eu não tinha coordenação nenhuma, senti mais dificuldade com o teclado, ficava procurando as letras...”.

4 - Qual o programa no computador com que você mais se identifica?

Resp. “Ah eu... o Word é o editor, né? O Word não, é a Internet mesmo. Por quê? Porque tenho a condição de conhecer pelo o que vai no mundo e também as notícias dos meus familiares, antes ficava muito longe. E ver muitas coisas”.

5 - Descreva em algumas linhas, o que representa o computador para você.

Resp. “Para mim está sendo uma coisa maravilhosa. A minha vida ficou muito mais alegre Sempre estou batendo papo com meus netos e parentes, enfim nos aproximou muito. Sinto que minhas amigas não estão ligadas ainda na internet e isso dificulta a nossa aproximação”.

6 - Fale sobre a importância de usar a internet.

Resp. “Ah, é muito importante, para mim assim, foi uma luz que abriu, assim eu pensava que nunca ia conseguir e consegui, através de você amiga (eu professora de informática) eu adoro quando penso nisso, você foi como um anjo da guarda para mim. As pessoas que eu não podia ver e não tinha contato nenhum, só por telefone de vez em quando, agora posso falar toda hora”.

7 - Quais eram os hábitos de vida antes de aprender o computador?

Resp. “Bom... passava, lavava, cozinhava, bordava, pintava quadros, trabalhos manuais era o que eu mais fazia. Hoje eles estão meio esquecidos, troquei”.

8 - Você possui e-mail? Tem o hábito de passar e receber e-mail?

Resp. “Tenho, bastante. Todos os dias eu recebo e passo e-mails”.

9 - Possui muitos contatos no MSN? Qual é o horário que costuma acessá-los.

Resp. “Não esse eu quase... por que ainda estou começando não tenho muita prática”.

10 - Costuma falar através do Skype? Como este serviço facilitou a sua vida?

Resp. “Skype não, ainda não conheço”.

11 - Como está o seu relacionamento com amigos ou filhos após ter aprendido a usar o computador?

Resp. “Ah, estão me achando uma heroína, todos elogiam e ficam assim... orgulhosos, os netos dizem “vovó, você já sabe vovó”. Está uma delícia!!!”.

12 - Narrar algum fato ocorrido com amigos ou com alguém da família, relacionado com o computador.

Resp. “Um fato pitoresco (o sujeito escreveu no computador esta resposta). Eu ia comprar um sapato e meu marido disse para eu comprar, pois já ficava de presente de

aniversário. Fervi com ele dizendo que sapato não era presente que eu merecia coisa melhor. Aí então tive a surpresa maravilhosa, um computador. A emoção foi tanta que chorei”.

13 - Qual é a sua opinião sobre as salas de bate papo?

Resp. “Não tenho muita prática ainda. Não usei, não estou curtindo muito”.

14 - Você usa serviços bancários através do computador? E em viagens?

Resp. “Não eu não, porque o meu marido é que usa. Em viagens não, ainda não viajei depois de ter aprendido o computador”.

15 - Você faz pesquisa na internet? Qual é o site que você acessa para fazer as suas pesquisas?

Resp. “Faço. O Google é o que mais uso”.

16 - Você ouve músicas ou assiste a clips pelo computador? Qual é o site que você mais acessa.

Resp. “Ouço bastantinho até, né? Quando dá tempo, o youtube”.

17 - Sente que após ter aprendido a usar o computador você tem mais confiança em acessar os serviços bancários ou em viagens?

Resp. “Não estou usando”.

18 - Gosta de jogar no computador? Se sim, qual é o jogo que mais joga.

Resp. “Não, não gosto de jogo”.

Sujeito 4 – (Aplicada no dia 08/ 06/ 2010)

01 - Quantos anos você tem? Qual é a sua escolaridade.

Resp. “Tenho 84 anos, sou a mais velha da sua turma, não é? Fiz o curso normal”.

.

02 - Por que você resolveu aprender informática?

Resp. “Para que fosse uma boa distração na minha velhice e conversar com os meus filhos e netos”.

03 - No início você sentiu alguma dificuldade com o mouse ou teclado? E se sentiu qual foi esta dificuldade.

Resp. “Não”.

04 - Qual é o programa no computador que você mais se identifica?

Resp. “A internet, porque falo todos os dias com os meus filhos e netos e recebo e-mails”.

05 - Descreva em algumas linhas o que significa o computador para você.

Resp. “Um avanço nos conhecimentos, uma descoberta maravilhosa na minha velhice”.

06 - Fale sobre a importância de usar a internet.

Resp. “Com a internet adquiri novos conhecimentos, converso com os meus filhos e amigos, pesquiso, olho as fotos das viagens. Os filhos e a minha afilhada foram os que me incentivaram para a aprendizagem de tão grande conhecimento”.

07 - Quais eram os seus hábitos antes de aprender a usar o computador?

Resp. “Era o de ler, fazer paciência com o baralho, fazer palavra cruzada todos os dias, tricô e trabalhos manuais”.

08 - Você possui e-mail? Tem o hábito de passar e receber e-mail?

Resp. “Tenho e-mail. Mais recebo que respondo”.

09 - Possui muitos contatos no MSN? Qual é o horário que costuma acessá-los.

Resp. “Muitos, mas entro raramente”.

10 - Costuma falar através do Skype? Como este serviço facilitou a sua vida.

Resp. “Falo muito, todos os dias. E isso me dá muita satisfação em conversar com as pessoas que me são caras”.

11 - Como está o seu relacionamento com amigos ou filhos após ter aprendido usar o computador.

Resp. “O meu relacionamento está muito mais intenso e próximo. Os netos ficam felizes e eu também”.

12 - Narrar algum fato ocorrido com amigos ou alguém da família relacionado com o computador.

Resp. “Um fato interessante é que a minha ajudante que é muito inteligente e sabe usar o computador, me esclarece dúvidas, tira da internet receitas culinárias e me ajuda encontrar poesias que estavam esquecidas na minha memória”.

13 - Qual é a sua opinião sobre as salas de bate papo

Resp. “É uma boa, a pessoa nunca fica isolada”.

14 - Você usa os serviços bancários através do computador? E em viagens?

Resp. “Por enquanto não. Quem usa são os meus filhos e netos por saber como usar”.

15 - Você faz pesquisa na internet? Qual é o site que você acessa para fazer as suas pesquisas?

Resp. “Sim, o Google”.

16 - Você ouve músicas ou assiste a clips pelo computador? Qual é o site que você mais acessa.

Resp. “Não tenho costume”.

17 - Sente que após ter aprendido a usar o computador você tem mais confiança em acessar os serviços bancários ou em viagens?

Resp. “Vou muito aos bancos e não tenho dificuldades. Em viagens, peço para os meus filhos”.

18 - Gosta de jogar no computador? Se sim, qual é o jogo que mais joga.

Resp. “Muito mesmo, deixei até o baralho para usar os jogos do computador”.

Sujeito 5 -

1 - Quantos anos você tem? Qual é a sua escolaridade?

Resp. “75 anos. Sou advogada”.

2 – Por que você resolveu aprender informática?

Resp. “Porque é a ciência da atualidade”.

3 - No início você sentiu alguma dificuldade com o manuseio do mouse ou teclado? E se sentiu, qual foi essa dificuldade?

Resp. “Não. Não tive, em nenhum dos dois”.

4 - Qual o programa no computador com que você mais se identifica?

Resp. “Internet, e-mail, gosto também de ler os jornais”.

5 - Descreva em algumas linhas, o que representa o computador para você.

Resp. “Bem, acho que o computador abre novos horizontes colocando a gente em contato com a atualidade. Ele me colocou mais perto dos filhos e dos amigos.

6 - Fale sobre a importância de usar a Internet.

Resp. “A Internet é uma rapidez fora do comum, a gente viaja na velocidade da luz, é algo mais rápido que tem”.

7 - Quais eram os hábitos de vida antes de aprender o computador?

Resp. “Só assistir televisão e ler”.

8 - Você possui e-mail? Tem o hábito de passar e receber e-mail?

Resp. “Sim, o dia inteiro, é uma cachaça, um vício. Passo, respondo e escrevo cartinha para as minhas filhas”.

9 - Possui muitos contatos no MSN? Qual é o horário que costuma acessá-lo?

Resp. “Sim, à noite”.

10 - Costuma falar através do Skype? Como este serviço facilitou a sua vida?

Resp. “Tenho Skype mais ainda não falei nenhuma vez, porque as pessoas que tem Skype eu ainda não cadastrei”.

11 - Como está o seu relacionamento com amigos ou filhos após ter aprendido a usar o computador?

Resp. “É mais freqüente agora, pois é mais fácil”.

12 - Narrar algum fato ocorrido com amigos ou com alguém da família, relacionado com o computador.

Resp.”Minha amiga que foi ser freira e foi morar na Itália e há mais de 35 anos eu não a via. Recebi uma foto dela grande e passei no scanner da impressora e depois mandei por e-mail para várias amigas que gostam dela também. E para uma amiga nossa que não sabe usar o computador ainda, eu imprimi a foto na impressora de casa e dei de presente para ela. Fiquei até emocionada de ter conseguido fazer tudo isso”.

13 - Qual é a sua opinião sobre as salas de bate papo?

Resp. “Acho ótimo conhecer pessoas”.

14 - Você usa serviços bancários através do computador? E em viagens?

Resp. “Não, não uso”.

15 - Você faz pesquisa na Internet? Qual é o site que você acessa para fazer as suas pesquisas?

Resp. “Sim, gosto muito do Google, pesquiso todos os dias”.

16 - Você ouve músicas ou assiste a clips pelo computador? Qual é o site que você mais acessa.

Resp. “Ainda não sei”.

17 - Sente que após ter aprendido a usar o computador você tem mais confiança em acessar os serviços bancários ou em viagens?

Resp. “Isso eu já tinha facilidade mesmo antes de usar a internet. Por isso até que resolvi aprender informática. Daqui a pouco não vai ter nada que vai ser dirigido através de máquinas”.

18 - Gosta de jogar no computador? Se sim, qual é o jogo que mais joga.

Resp. “Sim, jogo paciência todos os dias, todas as horas, mas nunca ganho”.

Sujeito 06

1 - Quantos anos você tem? Qual é a sua escolaridade?

Resp. “Tenho 87 anos. - Possuo curso superior, medicina”

2 - Por que você resolveu aprender informática?

Resp. “É... primeiro o seguinte, eu ganhei um computador e achei que tendo o computador eu tinha que aprimorar, aprender as técnicas da computação, entrar na modernidade”.

3 - No início você sentiu alguma dificuldade com o manuseio do mouse ou teclado? E se sentiu, qual foi essa dificuldade?

Resp. “Eu tive... mais com o mouse, porque o teclado até... eu sempre bati na máquina... dificuldades em selecionar o assunto, até hoje tenho alguma dificuldade. Eu vou lá faço alguma coisa, mas tenho alguma dificuldade, na maioria das vezes a gente não precisa escrever, tem que clicar mesmo”.

4 - Qual o programa no computador com que você mais se identifica?

Resp. “Com a internet”.

5 - Descreva em algumas linhas, o que representa o computador para você.

Resp. “Representa a facilidade em preencher um documento, passar na impressora o trabalho que fica apresentável, parece impresso em gráfica.

Sua filha pediu a palavra: - “Posso falar Lys-Sandra, o papai se desligou completamente do computador, completamente, não é papai”.

O médico tomou novamente a palavra e diz: - “eu observo na computação o seguinte, na verdade profissionalmente eu não tinha necessidade realmente em mexer no computador, as minhas aulas são práticas com os alunos, né. Eu não faço provas, é tudo

prática... Eu observo o seguinte nas pessoas de idade, existem dois tipos de pessoas, umas gostam de computador e outros não gostam, a maioria gosta a minoria não se ajeita. Eu sei... as possibilidades do computador, eu acho uma necessidade, apenas acho que a gente fica retrógrado quando não mexe no computador. Todo mundo mexe, todo mundo abre e-mails, quando não mexe a pessoa fica por fora como eu”.

6 - Fale sobre a importância de usar a internet.

Resp. “É uma maravilha mesmo, eu fico até deslumbrado o que faz hoje com a tecnologia em maneira geral, né? A tecnologia aplicada na medicina é de maneira geral fantástica mesmo. A gente fica, vamos dizer a verdade com o mundo nas mãos, sobre todos os aspectos, sobre todos os assuntos. Você viaja, conhece terras que você nunca pensou em conhecer, você conhece antes de visitar até”.

7 - Quais eram os hábitos de vida antes de aprender o computador?

Resp. “Os meus hábitos de vida não mudaram”.

8 - Você possui e-mail? Tem o hábito de passar e receber e-mail?

Resp. “Não tenho hábito, recebo mas não tenho mandado e-mails”.

9 - Possui muitos contatos no MSN? Qual é o horário que costuma acessá-lo?

Resp- Não tenho usado.

10- Costuma falar através do Skype? Como este serviço facilitou a sua vida?

Resp. “Não sei usar”.

11 - Como está o seu relacionamento com amigos ou filhos após ter aprendido a usar o computador?

Resp. “É... a gente aproveita alguma coisa, quando eles mexem eu também tomo conhecimento, né? Os meus filhos todos mexem, isto é interessante, tenho os meus netos, todos eles adoram, exploram, tem facilidade, eu não tenho apesar de tentar. Alguns termos às vezes têm necessidade que me expliquem”.

12 - Narrar algum fato ocorrido com amigos ou com alguém da família, relacionado com o computador.

Resp. “Ultimamente fizemos uma pesquisa para a venda de um carro antigo, um Opala Diplomata, minha filha e eu pesquisamos em várias concessionárias para ver os preços, isso foi uma facilidade”. Outro fato interessante: Há poucos dias fui ao Rio, mas antes precisava fazer uma reserva no hotel, falei com a atendente que eu não sabia passar e-mail sozinho. O hotel deu o número de uma conta para eu depositar e passar um fax do recibo do banco. Fiz tudo isso e passei o fax no computador de minha filha”. (este sujeito fez aulas durante muitos meses, mas por não usar se esqueceu algumas coisas).

13 - Qual é a sua opinião sobre as salas de bate papo?

Resp.”Não uso”.

14 - Você usa serviços bancários através do computador? E em viagens?

Resp. “Não, vou ao caixa do banco prefiro do que usar o computador”.

15 - Você faz pesquisa na internet? Qual é o site que você acessa para fazer as suas pesquisas?

Resp. “Atualmente não, tentei fazer. Sei que tem imensas possibilidades, mas tenho dificuldades. Aprendi noções mas tenho dificuldades (reafirma) em pesquisar. Por exemplo, o Google”. (o sujeito lembrou-se que para pesquisar usa-se o Google).

16 - Você ouve músicas ou assiste clips pelo computador? Qual é o site que você mais acessa.

Resp. “Sei que é possível, mas no momento não. O site que mais acesso é o Google. Gostaria mas, não gosto de inovar, sou muito conservador. Sair daquilo que faço todos os dias, falta criar hábito”. (percebe-se que o computador não significa muito para ele).

17 - Sente que após ter aprendido a usar o computador você tem mais confiança em acessar os serviços bancários ou em viagens?

Resp. “Serviços bancários não, como disse sou muito conservador. Sempre fiz serviços bancários, sou aposentado, tenho tempo, gosto de ter um motivo para sair. Hoje vi um repórter dizer na parte da economia, que aumentou muito o número de pessoas que usam o computador”.

18 - Gosta de jogar no computador? Se sim, qual é o jogo que mais joga.

Resp. “Não, nunca gostei de jogo”.

## **ANEXO II**

O Jornal de Domingo de Pouso Alegre, no dia 03 /07/ 2010 fez uma entrevista de primeira página com a pesquisadora Lys Sandra Vitale O. Lima e com a aluna Zilda Giacomethi Magalhães. O título da reportagem foi: “Terceira Idade cada vez mais antenada”.

A manchete trouxe o seguinte texto:

Mesmo não tendo nascido na era digital, aos poucos a terceira idade está deixando o medo e o comodismo de lado e entrando de cabeça nas novas mídias. Tanto é que o número de pessoas acima de 50 anos que procuram ajuda para aprender a utilizar o computador tem crescido, principalmente para se sentirem mais atualizadas, utilizarem a internet e interagirem com filhos, netos e amigos.

A entrevista será apresentada na íntegra neste anexo:

### **TERCEIRA IDADE CADA VEZ MAIS ANTENADA**

Se por um lado alguns resistem ao computador, à Internet, há aqueles que mesmo não tendo nascido na era digital estão entrando de cabeça nas novas mídias. O certo é que não há idade para se conectar.

Para muitas pessoas, manusear o computador, navegar pela Internet é uma das coisas mais simples do mundo. Já para outras, este belo recurso do mundo moderno é encarado como um verdadeiro “bicho de sete cabeças”. Se por um lado as crianças de hoje praticamente já nascem sabendo manusear o computador, por outro, os mais velhos encontram certas dificuldades e muitos até demonstram certa resistência em utilizar os recursos da informática. Atualmente, como em todos os setores da vida moderna as pessoas têm que conviver com a tecnologia. Essa necessidade acaba afetando também os idosos quando necessitam, por exemplo, acessar serviços bancários, usar a internet para fazer compras, realizar pesquisas, enviar e receber e-mails.

“Muitas pessoas ainda têm receio em aprender a usar o computador e a tecnologia em geral. A resistência à mídia acontece pelo medo de lidar com algo que para a terceira idade é totalmente novo e também pela carência de profissionais competentes nesta área para ensinar pessoas idosas”, diz a professora Lys-Sandra Vitale

Oliveira Lima, graduada em Pedagogia e mestranda em Ciências da Linguagem, que há mais de dez anos ministra aulas de informática para a Terceira Idade em Pouso Alegre.

Mas mesmo não tendo nascido na era digital, aos poucos a Terceira Idade está deixando o medo e o comodismo de lado e entrando de cabeça nas novas mídias. Tanto é que o número de pessoas acima de 50 anos que procura ajuda para aprender a utilizar o computador tem crescido, principalmente para se sentirem mais atualizadas, utilizarem a Internet e interagir com filhos, netos e amigos. “Alguns querem aprender Word para redigir textos, Excel para realizar o controle do seu orçamento pessoal, aprender a gravar CDs e DVDs de músicas, organizar as suas fotos digitais e álbuns familiares e a utilizar a internet para o aprendizado de línguas ou artesanato, além da realização de pesquisas”, explica Lys-Sandra.

Este é o caso de Zilda Giacomete Magalhães, 65 anos, que começou a ter aulas de informática com Lys-Sandra há um ano. Ela conta que via seus netos de três, quatro anos utilizando o computador e ficava encantada. Ao mesmo tempo, por medo, não chegava nem perto do equipamento. Quando soube das aulas de informática para a Terceira Idade, ficou entusiasmada. “Quando disse ao meu marido que iria fazer o curso ele quase teve um infarto”, brinca.

No início das aulas ela lembra que tinha certo receio de mexer no computador e um pouco de dificuldade com o teclado. Mas logo foi ganhando segurança. Tudo que aprende faz questão de anotar no caderno para depois praticar em casa. “Nem ligar o computador eu sabia. No começo fiquei apavorada, começava a suar, tinha medo de apertar alguma tecla errada, mas a professora foi me passando segurança, mostrando que o computador não era um ‘bicho-papão’”.

Agora, Zilda digita textos sozinha, envia e recebe e-mails, realiza pesquisas na Internet, ouve músicas e pelo MSN conversa com parentes e amigos que moram em outras cidades. Até Orkut ela já tem. Adora ver as fotos dos netos que estão longe no site de relacionamentos. Já está aprendendo também as abreviações que os internautas costumam usar para se comunicar de modo mais rápido. “Hoje o computador é meu companheiro. Entro na Internet todos os dias, às vezes de manhã e à tarde. Descobri o mundo. Tenho mais contado com familiares que antes conversava só de vez em quando por telefone. Além disso, recebo e-mails maravilhosos. Estou adorando”.

Zilda diz que hoje não consegue mais ficar sem o computador, sem a Internet. “Já é algo que faz parte da minha vida”. Com o domínio do computador, lembra que passou a se sentir mais independente e com a auto-estima mais elevada. “Quando

ficamos parados no tempo começamos a nos sentir velhos rabugentos, a implicar com tudo. Com as aulas, sinto que estou mais moderna. Me sinto muito bem”.

E o marido de Zilda, que se assustou quando ela disse que queria aprender a usar o computador, acabou se interessando e com o auxílio dos filhos também começou a utilizar o equipamento.

Dificuldades são tiradas de letra

De acordo com a professora Lys-Sandra as dificuldades que a Terceira Idade encontra para manipular o computador são as mesmas que qualquer pessoa mais jovem sente ao se deparar com algo novo. Alguns têm certa dificuldade com o manuseio do mouse, outros com o teclado, mas isso é revertido com o passar das aulas. “Há aqueles que têm certa noção por observarem os seus filhos usarem o computador e outros não sabem nem ligar a máquina. Ainda assim, o aprendizado é muito rápido. Apesar das dificuldades, a maioria dos que procuram as aulas gosta e evolui bastante. Nesta minha experiência profissional com idosos poucos alunos desistiram”.

Lys-Sandra explica que a metodologia que desenvolve foi elaborada para incentivar os idosos de modo que logo na primeira aula eles já comecem a digitar textos e a navegar pela Internet. Segundo a professora, para ter um conhecimento básico são necessários de três a quatro meses de aula. “Quando meus alunos se sentem capazes de utilizar o computador, a Internet, demonstram realização e uma alegria imensa. Há uma melhoria na auto-estima deles por estarem aptos a interagir com esta nova linguagem, com esta importante ferramenta que conecta as pessoas de todo o mundo em rede. Sinto-me feliz quando vejo a realização dos alunos ao dominar esta tecnologia”.

### Socialização

Além do aprendizado, as aulas de informática também funcionam como um importante mecanismo para que a Terceira Idade estabeleça vínculos de amizade e trocas de experiências. “Sempre promovo encontros entre os alunos que começam a formar comunidades, trocar e-mails e, com isso, aprendem mais com o auxílio de pessoas da mesma faixa etária”, diz Lys-Sandra.

E para os que têm receio e até mesmo vergonha de procurar o auxílio de um professor, aí vai o recado: “Esse é um comportamento que as pessoas não deveriam ter,

pois o computador é uma ferramenta relativamente nova e nem todos dominam esta tecnologia. Sempre há tempo para aprender”, finaliza.

### Quadros de autoria da aluna Zilda Giacomethi



PÔR DO SOL



TRABALHO CIGANO



RIO SÃO FRANCISCO



BORDADO EM ARRAIOLO



SITIO ALEMÃO



CARRO DE BOI



FAROL



PORTO



PAISAGEM CANADA



MARINAS

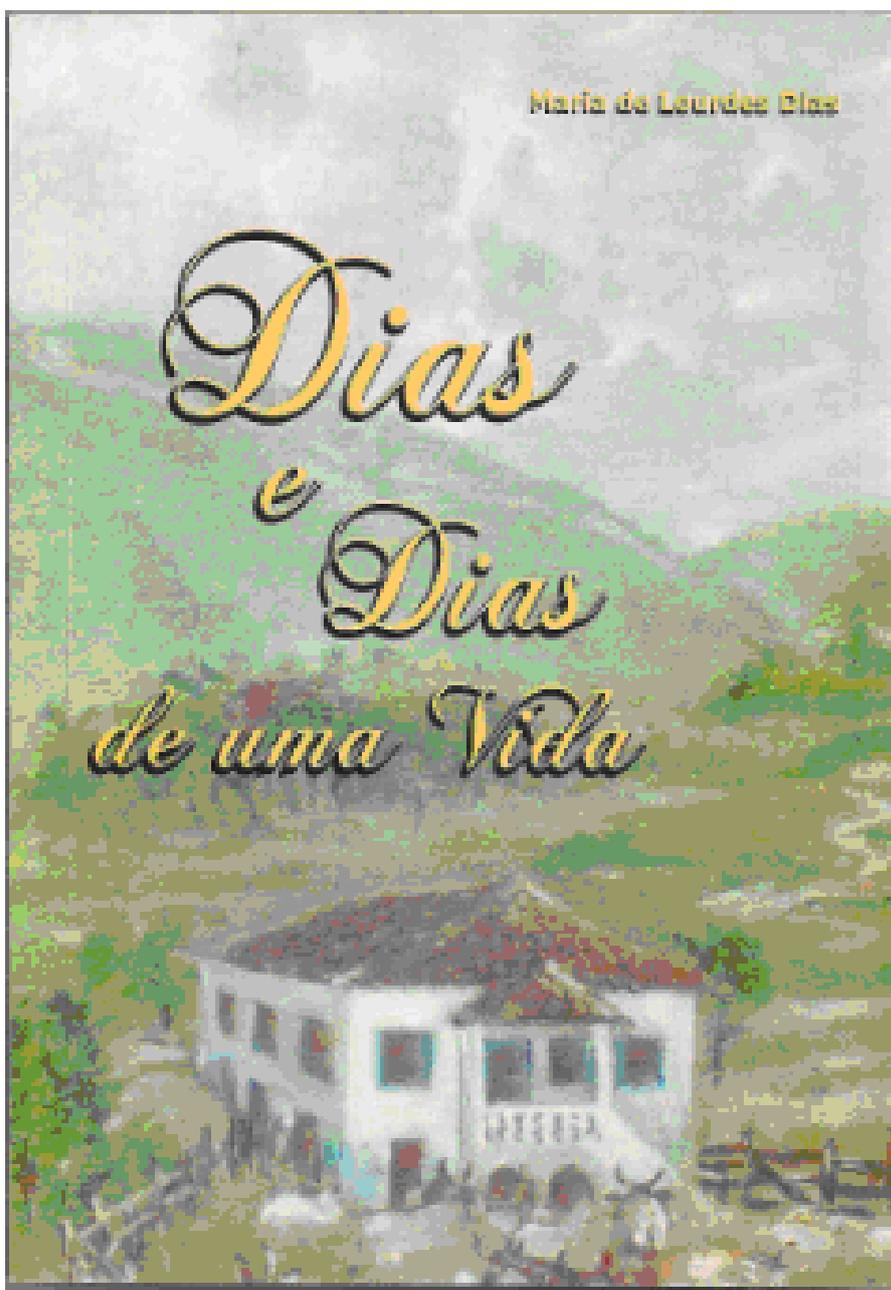


PARATI

### **ANEXO III – LIVRO “DIAS E DIAS DE UMA VIDA”**

A aluna D. Lourdes Dias, de 76 anos a partir das aulas que fez de informática escreveu e digitou um livro sobre a sua vida, intitulado: “Dias e Dias de uma Vida”.

A capa do livro está em anexo, assim como a contra capa e as orelhas do livro. Ficarão disponibilizadas também algumas homenagens feitas pela autora e os seus depoimentos.





Senti uma responsabilidade ao lançar este livro.

Fico agora pensando o que diria minha mãe, se fosse viva, ao ler estas páginas.

Maria José era seu nome, Ela nos deixou há 56 nos...

— Certamente balançando a cabeça, segurando em minhas mãos, em gesto de carinho, exclamaria:

"Meu Deus! Que menina atrevida, corajosa, o que é que vão dizer ao ler tudo isto?"

Saudades...

Com o passar dos tempos a realidade de nossa vida vai se espalhando, tornando-se cada vez mais distante querendo fugir de nosso pensamento, como se nada de importante tivesse acontecido. Que tudo não passou de mero acontecimento.

De uma maneira diferente, consegui realizar grandes coisas.

Neste livro, procurei relembrar, com muito amor e carinho todas as pessoas que me ajudaram a vencer e me deixaram lembranças.

Isto fez com que voltasse ao passado e o tornasse presente, junto com os amigos, filhos e netos e com o Lucas meu companheiro de todas as horas, fazendo de nossa vida uma história, entregando-a ao futuro.....

**Maria de Lourdes Dias**

## VALORES DE VIDA

Estou chegando ao final de uma história que, na realidade, não terá fim. Dentro de uma vida que continua, ela sempre se renova, mostrando seus valores a cada momento. Muitas vezes estes valores passam despercebidos e nós não sabemos distinguir quais os melhores entre tantos. E queremos cobrar sem saber de quem.

Somos nós mesmos os grandes responsáveis por tudo que podemos planejar dentro de nossa própria vida, sem culpar os outros.

Muitas vezes não queremos ver, ou até mesmo sentir, deixando que os valores desapareçam dentro de um sofrimento que a vida nos oferece. Precisamos olhar com firmeza para os momentos que mostram onde estão os valores de nossa vida: Dentro de um casamento que se realiza e com o nascimento dos filhos, batizados, primeira Eucaristia, um aniversário, um almoço com a família...

Uma religião, uma visita ao Santo Papa de quem recebi de suas mãos um terço e disse-me: "felicidades para você e sua família que ficaram no Brasil". Neste momento as emoções ficam marcadas por toda uma vida. Em missa festiva, a chegada dos netos. Uma fé que nos fortalece e nos dá força, a cada instante, na conquista de um ideal! Onde a saúde é a nossa grande força! Nossos pais que nos deram a vida e nos ensinaram a viver!

É preciso participar dos acontecimentos, para realizar os nossos sonhos e continuar a viver e poder sentir que já fizemos tudo na vida que gostaríamos de ter feito? Acho que estou realizando todos os meus sonhos..... sempre gostei de escrever e, muitas vezes, escrevia coisas bem simples que para mim eram grandes histórias, que hoje se tornaram realidade.

Queria digitar tudo que já vinha escrevendo no decorrer dos

---

tempos, para isso comprei um computador e assim passei para um livro tudo o que havia escrito em um caderno já todo rabiscado e envelhecido pelo tempo.

Seria isto a espera até hoje da grande evolução do computador?

Além dos meus tricôs, crochês e costuras, parece que o tempo diminuiu, para mim, isto porque fico horas no computador, revisando tudo que aprendi com a minha professora e amiga Lys Sandra que me acompanhou com suas orientações. Isto me faz sentir muito bem, sentir que estou evoluindo, e que minha idade está se renovando dia-a-dia, podendo acompanhar meus filhos e netos nesta etapa de vida tão diferenciada!

Agradeço a todos que me incentivaram, que foram meus irmãos, filhos e netos e meu amado esposo e grande companheiro Lucas, e muitas pessoas queridas que nossa amizade permanece.

Após o lançamento deste livro e estando com alguns conhecimentos dentro da tecnologia, pretendo continuar escrevendo, pois tenho muito ainda a dizer.